

«HÁ QUE ASSEGURAR QUE AS FORÇAS ARMADAS NÃO ACEITARÃO, NUNCA MAIS, SER SUSTENTÁVEL DE UM GRUPO OU CASTA, DE UM PARTIDO ÚNICO OU DE UMA QUALQUER OLIGARQUIA».

Ramalho Eanes

25-11-78

# A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00) N.º 705  
ANO XXVII 14/12/78

Composição e Impressão  
«GRÁFICA EDITORA»  
Av. João Ferreira de Maia, 20  
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO  
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
GRÁFICA LOULETANA  
Rua Marechal Gomes da Costa  
Telef. 6 25 36 LOULÉ

## CURRENTÉ CALAMO

### Jornada de Saudade

A romagem dos antigos alunos do Liceu de Faro, entre os quais se contam numerosos louletanos, constituiu uma jornada magnífica, vivida no dia 1.º de Dezembro, como era de tradição, no ambiente do velho liceu, e do menos velho, e sob a égide do seu patrono, João de Deus.

Patrono que foi, que deixou de ser, que voltou a ser, que não se sabe se será... mas cuja mensagem há-de perdurar no coração e na vontade de quantos viveram no liceu os esperanças ancs da sua adolescência.

Daí que, como João de Deus ensinou e foi salientado, os homens devam dar-se as mãos uns aos outros como irmãos e viver imãmente, realizando no presente a união que o passado cimentou, olhos postos no futuro.

É por isso que, falar de JORNADA DE SAUDADE nada tem a ver com qualquer mórbido saudosismo e deixará de ser um lugar comum, na simplicidade estreme do seu valor literal, por querer mencionar essa verdadeira

«saudade do futuro», de que falava outro grande poeta.

Trata-se de evocar o passado, nos buliçosos anos de tempos que já não voltam, sem dúvida. Mas é bifronte a comemoração das Bodas de Prata do 7.º ano de 1952/53, que este ano se viveu: a face voltada para o futuro é o pretexto para congregar jovens de

(continua na pág. 7)

## TV livre:

### Privilégio ou direito?

Há algumas semanas, foi noticiada a constituição de uma sociedade cooperativa destinada a instalar em Portugal uma estação emissora de televisão. Intitulou-se essa sociedade Rádio Televisão Independente — R. T. I —, e en-

## CALOROSA E VIBRANTE HOMENAGEM PRESTADA PELO MUNICÍPIO E PELAS GENTES DE LOULÉ

### A PEDRO DE FREITAS

Conforme estava programado cumpriram-se integralmente e revestiram-se de condizente brilhantismo as celebrações de homenagem e agradecimento ao ilustre louletano, escritor e musicólogo Pedro de Freitas, no transcurso

dia 2 de Dezembro, promovidas pela Câmara Municipal de Loulé e secundadas por um grupo de amigos e admiradores.

Todo o ciclo de acontecimentos emolduraram lapidar e condignamente a consagração de uma vida longa, pródiga de labor, de engenho e de acrisolado devotamento à causa da terra-natal, pela qual Pedro de Freitas sempre nutriu uma fidelidade indestrutível.

Logo pela manhã do passado dia 2, cerca das 10 horas, não obstante a chuva impertinente, verificou-se a concentração de deputações representativas das colec-

tividades locais, portadoras de estandartes, no antigo «Largo do Carmo», fronteiro ao Mercado Municipal. Entre estas, designadamente, o corpo de Bombeiros Municipais, que formou alas, a Banda Filarmónica Artistas de Minerva, a representação do Rancho Folclórico Infantil de Loulé e da Sociedade dos Artistas Louletanos e presença de muitos circuns-

Pouco depois, decorreu a solenidade do descerramento da placa toponímica, «Rua Pedro de Freitas (antigo Largo do Carmo)».

(continua na pág. 8)

## RESERVA NATURAL DA RIA FORMOSA:

### UMA DAS MAIORES RIQUEZAS DA EUROPA

Comentário de  
JOSÉ MANUEL MENDES

Felizmente, o alerta está lançado, as infraestruturas legais começam a ganhar vulto, e o que é certo, é que estamos ainda a tempo de evitar a destruição completa de uma das maiores riquezas (mais uma!), com que a Natureza obsequiou o nosso país, mais

concretamente, a província do Algarve.

Falamos, como o próprio título indica, da Reserva Natural da Ria Formosa, já e ainda hoje, uma das reservas naturais mais ricas da Europa, senão mesmo a mais rica, posto que por diversos países mais evoluídos, existem efectivamente grandes mananciais de riqueza, mas... criada artificialmente. E nós, que a tínhamos de mão

beijada, sem mais trabalho que colher o que a Natureza semeou, quase a esbanjávamos e destruíamos, com solenes ignorâncias e fantásticas inoperâncias, pelos tempos fora.

De resto, a Reserva fala por si. Citando, apenas, números ainda referentes a 1974, a Reserva da Ria Formosa consegue a brinca-deira de, «só» produzir 95% dos moluscos produzidos na totalidade do país, ter potencialidades para criar a breve trecho 600 hectares com viveiros de marisco, 2.000 hectares para viveiros de peixe, e possibilitar a vida a 5.000 pessoas economicamente dependentes (dela, Reserva). É aliás, com toda uma profundidade de preservação e doutrina ecológica, aliadas a uma ordenação turística

(continua na pág. 9)

## O TURISMO E O ALGARVE

### Temas de debate e meditação em congresso

O turismo no Algarve é tema inesgotável em qualquer época do ano.

No Verão protesta-se contra as carências estruturais insuficientes para atender aos milhares de turistas que procuram as nossas praias, o nosso sol, a doçura do nosso clima e a pureza dos nossos ares ainda não poluídos. No Inverno lamentamos a carência de estruturas para atrair mais turistas durante a época baixa — porque o Algarve tem condições ideais para fazer turismo de Inverno.

No entanto tudo isto envolve uma complexidade de problemas cuja existência passa despercebida à maioria das pessoas para quem o fenómeno turístico não lhe interessa directamente. Tal não acontece, porém, com milhares de outros portugueses cuja vida profissional está tão intimamente ligada ao turismo, que vivem apaixonadamente os seus problemas. Por isso se reúnem. Por isso fazem congressos, exposições, viagens de estudo.

(continua na pág. 4)

## III Encontro de Jornais Algarvios

Embora ainda não se saiba ao certo qual a data precisa em que se realizará o III ENCONTRO DE JORNAIS ALGARVIOS, iniciativa esta a que o quinzenário «O Sporting Olhanense» chamou louvavelmente a si, já se encontra concluído o projecto dos estatutos, elaborado pelo nosso estimado colega «O Barlavento», que permitirá, logo que extinto o prazo de recepção de possíveis propos-

(continua na pág. 8)

## RECENSEAMENTO ELEITORAL

Teve já início no passado dia 4 de Dezembro e prolongar-se-á até ao dia 10 de Janeiro próximo, o recenseamento eleitoral, obrigatório para todos os cidadãos portugueses que gozem de capacidade eleitoral e residam tanto no Continente como nos Açores e Madeira.

A inscrição no novo Recenseamento pode vir a causar dúvidas em alguns cidadãos eleitores, pelo facto de já se terem recenseado em anos anteriores. Todavia é preciso não esquecer que aquele recenseamento visava eleições específicas ou seja: Assembleia

(continua na pág. 3)

## Pedro de Freitas

— Uma figura do passado a projectar-se no futuro

No dia 2 de Dezembro Loulé esteve em festa!

E esteve em festa não apenas porque nesse dia se prestou me-

## Esta minha terra...

Por J. PIEDADE JÚNIOR

...onde eu não pude, ou não soube viver, tem sido pouco afortunada no que projecta e até mesmo no que realiza.

Dou exemplos.

A capela de Nossa Senhora da Piedade é, como se sabe, uma

(continua na pág. 4)

recida homenagem a um homem que tem devotado toda a sua vida a Loulé, prestigiando-a com o mérito da sua inteligência e a força inquebrantável dum trabalho válido, honroso, persistente, duro e para quem DAR foi sempre muito mais importante do que receber, pouco se importando com a recompensa material dum trabalho intelectual cujos benefícios foram muito mais dirigidos para os outros do que para si mesmo. Porque Pedro de Freitas não se tornou jornalista pensando em colher daí quaisquer remunerações. Não se tornou escritor pensando em poder ganhar algum dinheiro. Não compôs músicas para fazer negócio com as suas obras. Não

(continua na pág. 3)

DE NOVO É POSSÍVEL ERGUER BEM ALTO,  
ORGULHOSAMENTE E SEM MEDO  
A NOSSA GLORIOSA BANDEIRA!

São disso vivo testemunho quantos vibraram com o desfile da bandeira das 5 quinas pela Avenida da Liberdade em comemoração do Dia da Independência Nacional.

PORTUGAL NÃO MORRERÁ!



# TV livre: Privilégio ou direito?

(continuação da pág. 1)  
verno declarando anticonstitucional e proibida a instalação de qualquer emissora de televisão que não seja do Estado Seguiu-se a elaboração de um projecto de Lei da Televisão logo aprovado no Conselho de Ministros e enviado, com o carácter de urgência, à aprovação da Assembleia da República. Esta posição do Governo foi depois reafirmada nos ecrãs da R. T. P. pelo Secretário de Estado da Comunicação Social e apoiada, em declarações publicadas num jornal do Porto, pelo presidente do 2.º partido da coligação governamental.

A R. T. P., por sua vez, apresentou em tribunal um processo contra o Estado para exigir o esclarecimento da posição publicamente assumida pelo Governo e que a R. T. P. considera inconstitucional.

O conflito assim aberto apaixonou, entretanto, a opinião pública favorável à nova emissora de televisão e, até, surpreendentemente interessada na sua criação, o que demonstra como a população portuguesa está amadurecida para a reflexão política e cultural solicitando os meios para isso imprescindíveis, que são os da pluralidade das fontes de informação.

Fundamentalmente, do que se trata é da liberdade de expressão, de informação e de comunicação. Af, os católicos têm sempre uma palavra a dizer em defesa da liberdade: disseram-na, no caso da Rádio Renascença, ao defenderem, não o privilégio de terem uma emissora radiofónica sua, mas o direito geral à existência de emissoras radiofónicas; disseram-na, e dizem-na, ao defenderem a existência do ensino particular, ou seja, o direito universal de ensinar, que constitui a garantia primacial e iniludível da liberdade de informação, pois ensinar é informar, e aprender é ser informado; dizem-na agora ao defenderem o direito a existirem emissoras de televisão independentes do Estado.

Não há argumento que possa justificar a abolição da liberdade de informação, a qual implica a liberdade de expressão e de comunicação. Ninguém pode fazer esquecer que, sem liberdade de informação, não há liberdade de pensar e ninguém pode fazer ignorar que o pensamento é a mesma liberdade humana.

Não é preciso lembrarmos agora que a civilização, obra humana, é toda ela obra só de homens livres. Mas importa chamar a atenção para o facto de que, vivendo os portugueses em democracia, e residindo a designação dos órgãos de soberania no sufrágio universal, isso implica o reconhecimento de que cada votante, ou cada português, tem a maioridade intelectual e a maturidade reflexiva capazes de designar o que há de mais decisivo para o seu destino social, para o seu governo como povo. O homem livre é, na política, o que possui essa soberana capacidade,

à qual correspondem análogas capacidades na moral e na ética, no comportamento familiar e social, nas opções culturais e intelectuais, na escolha entre os múltiplos modos de existência, e de actividade profissional. Sem o reconhecimento de tal capacidade para designar os órgãos soberanos do Estado, não há democracia, regime político que consiste, primordial e fundamentalmente, nesse reconhecimento. É neste sentido que a democracia constitui o regime político em que todos os homens são livres. E, aqui, importa lembrar a famosa e bem verdadeira afirmação daquele filósofo moderno, em quem todas as ideologias actuais, desde a extrema esquerda à extrema direita, reivindicam ter-se inspirado: «na antiguidade oriental, só um era livre; na antiguidade clássica, só alguns eram livres; com o cristianismo, todos são livres».

Vivendo em democracia, os portugueses designam os seus governantes e todos aqueles que exercem o poder nos órgãos de soberania. Exercendo o poder nos órgãos de soberania, os governantes exercem-no porque aceitam como boa a designação que os portugueses deles disseram. A aceitação e o exercício do poder implica portanto que os governantes reconhecem aos portugueses a capacidade de os terem designado. Ora esta capacidade, graças à qual os governantes são governantes e aceitam sê-lo, implica inevitavelmente a possibilidade de todos os portugueses disporem de todas as informações necessárias para decidirem designar aqueles cuja acção põe em jogo quase todos os valores da sua existência. E é evidente que só se pode concluir que os governantes têm o dever, não de limitar, proibir ou impedir, mas de apoiar, fomentar e suscitar o aparecimento do maior número possível de fontes de informação e as mais variadas.

No plano histórico e mundial em que se situam os católicos, com a sua Igreja, não podem deixar de ser fiéis à mensagem de Cristo que fez de todos os homens, homens livres.

(Da revista «Laikos»)  
(Conclui no próximo número)

## SIMÃO BOLIVAR terá um monumento em Lisboa

Pela comunidade portuguesa da Venezuela, da qual faz parte o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Álvaro Clemente da Luz, foi oferecida a Lisboa a estátua de Simão Bolívar, o libertador da Venezuela.

O Presidente da Comissão criada para o efeito, encabeçada pelo nosso conterrâneo Álvaro Clemente, avistou-se com entidades oficiais afectas ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, e à Câmara Municipal de Lisboa e foi recebido pelo sr. Presidente da República.

Após os contratos estabelecidos, o sr. Álvaro Clemente, entre outras declarações, afirmou que «o monumento ficará a constituir uma prova de reconhecimento dessa comunidade pela Nação onde se radicou e onde desenvolveu a sua vida e, simultaneamente, uma prova de que ela não esquece o país onde nasceu, oferecendo-lhe, num testemunho escultórico, a veneração por uma figura que já é tão cara para si como para os seus irmãos venezuelanos».

O monumento a Simão Bolívar, ao que foi anunciado, ficará colocado na Avenida da Liberdade em Lisboa.

# SILVA & CARREIRA, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL  
DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria  
Odília Simão Cavaco  
e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 22 do mês corrente, lavrada de fls. 14 a 15, v.º, do livro n.º C-56, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Fernando Gomes da Silva e Arnaldo Martins Carreira, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «Silva & Carreira, Lda.», e terá a sua sede na Avenida Projectada e paralela à Avenida Infante de Sagres, no Edifício denominado Torre 1, na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé.

2.º — Durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir desta data. O seu objecto consiste na exploração de um estabelecimento comercial de restaurante, snack-bar e pastelaria, denominado «A Charrua» a funcionar no local da sua sede.

3.º — Poderá, no entanto, dedicar-se a qualquer outra actividade comercial ou industrial que os sócios acordem explorar.

4.º — O capital social integralmente realizado em dinheiro é de 150 000\$00, dividido em duas quotas iguais de 75 000\$00, uma de cada sócio.

5.º — A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes com a remuneração que vier a ser fixada em Assembleia Geral.

§ 1.º — Para obrigar validamente a sociedade é sempre necessária a assinatura de dois sócios, podendo, contudo, os actos de mero expediente ser assinados por qualquer deles.

§ 2.º — A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

6.º — Não são exigíveis prestações suplementares ao capital social, mas os sócios poderão fazer os suprimentos de que a caixa social careça, nas condições acordadas em Assembleia Geral expressamente convocada para o efeito.

7.º — É livremente permitida entre os sócios a cessação de quotas no todo ou em parte.

8.º — A cessação de quotas só poderá efectuar-se com prévio e expresso consentimento da sociedade, à qual é sempre reservado o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios em segundo.

§ único — Para a concretização deste direito deverá a cessação ser comunicada à sociedade e a cada um dos sócios, por carta registada com aviso de recepção ficando desde já estabelecido que o preço corresponderá ao valor nominal da quota acrescido do valor da existência e fundos de reserva da sociedade.

9.º — Quando a lei não exigir outras formalidades, a reunião das Assembleias Gerais, serão convocadas por carta registada dirigida aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos.

Está conforme.

Secretaria Notarial de  
Loulé, 27 de Novembro de 1978.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

## NATAL ALGARVIO 16 CONCELHOS EM FESTA

O Natal Algarvio, que decorrerá entre 9 de Dezembro e 6 de Janeiro, é uma iniciativa do Grupo de Estudos Algarvios (GEA) e constará entre outras coisas, das seguintes actividades:

— Espectáculos para (e com a participação de) crianças e adultos, nos vários concelhos da província.

— Divulgação de textos e de tradições, escritas e orais.

Conta-se já com a adesão das Câmaras de Aljezur, Lagos, Portimão, Lagos, Monchique, Silves, Albufeira, Loulé, S. Brás de Alportel, Olhão, Tavira, Castro Marim e Vila Real de St.º António. Além disso há a referir o patrocínio da Comissão Regional de Turismo, que incluiu a iniciativa na sua programação cultural anual, bem como a colaboração do FAOJ e da Direcção do Distrito Escolar de Faro.

A orientação desta grande festa cultural está a cargo do conhecido Padre José Pedro Martins.

Para o bom êxito do empreendimento, muito tem contribuído o dinamismo de Neto Gomes e João Ladeira, directores do GEA.

Mas, para o êxito final do Natal Algarvio, é necessária a colaboração de todos, porque o Natal é também de todos, sem excepção.

## BANDA DA G.N.R. — Três concertos memoráveis no Algarve

Por iniciativa da Comissão Regional de Turismo do Algarve e com a colaboração das Câmaras Municipais de Vila Real de Santo António e Loulé e do Hotel da Balaia, a Banda da Guarda Nacional Republicana realizou três concertos no Algarve, os quais alcançaram grande êxito.

Constituída por 104 elementos a Banda da G.N.R. que actuou em Faro sob a direcção do Maestro Capitão Joaquim Alves de Amorim patenteou, uma vez mais a sua extraordinária categoria, arrancando fortes e merecidos aplausos. Os dois outros concertos tiveram lugar em Vila Real de Santo António (Cine Foz) e Loulé (Cine-Teatro Louletano). Nesta sua digressão pelo Algarve a Banda de Música da Guarda Nacional Republicana (cuja origem remonta a 1838 com o Decreto de D. Maria II constituindo a Banda da Guarda Municipal) apresentou um programa com obras de Elgar (Pompa e circunstância), Geršwin (Rapsódia in blue), Solini (Malagueñas), Bernstein (West Side Story), Sousa Morais (Rapsódia do Minho) e Wagner (Tannhäuser), além de números extra que os aplausos do público motivaram a interpretação.

## O 4.º Salão de Arte Fotográfica do Rocal Clube

— Após a sua inauguração no dia 25 de Novembro, na Aldeia das Açoteias, e que constituiu um acontecimento de significativo nível cultural, a exposição dos trabalhos premiados no 4.º Salão de Arte Fotográfica (simultaneamente o 2.º Salão Internacional do Algarve, sob o patrocínio da FIAP) continua a cumprir o itinerário previsto no calendário já divulgado.

Assim, e a partir de 3 do corrente (até 9) a exposição encontra-se patente no Centro de Turismo em Faro, passando depois para a Câmara Municipal de Silves (de 10 a 17) e para a de Lagos (de 18 a 23).

Pela categoria das fotografias (e «slides») apresentados e pela raridade das manifestações deste género no Algarve, recomenda-se uma visita a mais esta iniciativa do Rocal Clube.

## VAI A LISBOA?

Hospede-se no HOTEL LIS, de 2 estrelas.

Situado na Avenida da Liberdade, 180.

Telefs. 537771 e 563434.

Quartos com aquecimento, banho, telefone e com baixos preços.

(8-4)

COM UMA VASTA GAMA DE RELOJOARIA  
MODERNA E PRATAS, ABRIU AO PÚBLICO A

## Relojoaria Mestre

— de —  
JOSÉ MARIA MESTRE & IRMÃO

CONCERTOS COM A MÁXIMA PERFEIÇÃO E RAPIDEZ  
COM GARANTIA

★

Rua 5 de Outubro, 93 (vulgo Rua das Lojas)  
LOULÉ

(2-2)



# RECENSEAMENTO ELEITORAL

(continuação da pág. 1)

Constituinte em 1975 e Assembleia da República e Autarquias Locais, realizadas em 1976.

O presente recenseamento tem validade permanente e carácter definitivo, pois apenas nos casos de mudança de residência ou alteração de capacidade eleitoral, o cidadão já inscrito, necessitará de se reinscrever.

O novo recenseamento eleitoral, é dirigido a todos os cidadãos portugueses que tenham pelo menos 18 anos, no termo do prazo fixado para a inscrição, que se devem inscrever no recenseamento, e é único e obrigatório para todas as eleições por sufrágio directo e universal.

A inscrição dos cidadãos eleitores, deve efectuar-se no local de funcionamento da respectiva entidade recenseadora da unidade geográfica da sua residência habitual, que na maior parte dos casos funcionará na sede de freguesia e será feita pelo seu nome completo, filiação, data e freguesia de nascimento e morada, com indicação do lugar e, quando existam, da rua, número e andar do prédio.

Ao inscrever-se o cidadão elei-

tor necessita para se identificar do Bilhete de Identidade, ou do passaporte. No entanto, se não possuir nenhum destes documentos a identificação far-se-á mediante a apresentação de qualquer outro documento que contenha fotografia actualizada, assinatura ou impressão digital e que seja normalmente utilizado para a identificação (como por exemplo a carta de condução, etc.).

Por outro lado o reconhecimento da identidade do cidadão poderá ser efectuado pela entidade recenseadora ou através de dois cidadãos eleitores inscritos na mesma unidade geográfica e que atestem sob compromisso de honra a identidade do cidadão.

Outro requisito fundamental no acto do recenseamento é a prova da freguesia de naturalidade: ou por meio do próprio Bilhete de Identidade, quando este contenha tal indicação ou através de certidão de nascimento, cédula pessoal, passaporte ou outro documento legal. Caso o eleitor não possua nenhuma prova da freguesia da sua naturalidade, terá que obtê-la urgente e gratuitamente antes de se inscrever. Em último caso, esta poderá ser obtida por reconhecimento unânime dos membros presentes da comissão recenseadora.

O diploma que regulamenta o recenseamento estipula ainda a criação do cartão do eleitor, devidamente autenticado pela entidade recenseadora, e que constituirá a prova de inscrição do cidadão eleitor.

Todavia, se por algum infortúnio o cidadão extraviar o cartão de eleitor, no qual consta obrigatoriamente o seu nome, naturalidade, número e arquivo do Bilhete de Identidade e a data de nascimento, deverá comunicar o facto, imediatamente à entidade recenseadora, que emitirá novo cartão.

INSCREVA-SE NO RECENSEAMENTO. SÓ RECENSEADO PODERÁ VOTAR.

Felizardo Manuel

Leandro Pinto, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de fls. 143 a 144, do livro n.º C-103, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Rua de S. Gonçalo de Lagos, da povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, com a firma de «Felizardo Manuel Leandro Pinto, Lda.», e dada como liquidada, encontrando-se devidamente aprovadas as contas sociais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 5 de Dezembro de 1978.

O 2.º Ajudante, Fernanda Fontes Santana

## ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOULÉ

Realiza-se no próximo dia 21 do corrente mês, pelas 21 horas, na Câmara Municipal de Loulé, uma sessão Ordinária da Assembleia Municipal, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Eleição do Presidente da Assembleia Municipal de Loulé;
- 2 — Apreciação, discussão e aprovação do Plano de Actividades e Orçamento, da Câmara Municipal, para o ano de 1979.

Loulé, 6 de Dezembro de 1978.

O Presidente Substituto

# PEDRO DE FREITAS UMA FIGURA DO PASSADO A PROJECTAR-SE NO FUTURO

(continuação da pág. 1)

foi musicólogo para se profissionalizar ou colher louros desse trabalho.

Pedro de Freitas foi ferroviário no tempo em que não havia horário de trabalho, nem domingos, nem feriados nem reivindicações salariais. No tempo em que, no caminho de ferro, o trabalho era árduo e vigilante, fatigante e incómodo. E os seus servidores tinham que ser diligentes, eficazes, cumpridores e afáveis para com os utentes. E, Pedro de Freitas, em vez de se revoltar contra a dureza desse trabalho e o barulho ensurdecedor do matraquear constante das rodas das carruagens sobre os «raílls», soube aproveitar esse «ritmo» para se inspirar em músicas que compôs. Soube aproveitar as conversas com os passageiros para escrever um livro contando a sua vida de ferroviário, ao longo de muitos anos, intensamente vividos e mal remunerados. Noites sem dormir, repousando em lugares incómodos de terra em terra, aproveitando todas as horas livres, todos os minutos de lazer, para realizar o seu sonho: escrever. Escrever livros, artigos para jornais, músicas, cartas e mais cartas para amigos, para desconhecidos. Falando de Loulé, pedindo coisas para Loulé, e para o seu querido Algarve, organizando coisas que prestigiassem Loulé. Que elevassem Loulé e fizessem progredir a sua querida terra a ponto de o General Raúl Esteves lhe chamar o «embaixador de Loulé». Tal a força da sua persistência, tal a sua vontade de enaltecer Loulé, tal a dureza da luta que (ingloriamente) travou para que o comboio passasse por esta vila. Foram anos de luta persistente, de inquebrantável teimosia, de espiçação de vontades, de levantar de ânimos.

O desvio da linha férrea por Loulé foi o grande sonho dourado de Pedro de Freitas ao longo duma vida sempre activa. Ele lutou

por tudo o que pudesse contribuir para o engrandecimento do Algarve em geral e Loulé em particular.

Pedro de Freitas esteve na C. P. e escreveu um livro. Foi à guerra e escreveu um livro. Foi à Índia e escreveu um livro. Deslocou-se aos Açores e Madeira e colheu elementos para escrever um livro. Esteve na Espanha e aí encontrou tema para mais um livro. Visitou a Bélgica e a França e reencontrou-se com uma França diferente da da guerra que conhecera. E mais um livro saiu do prelo.

Apaixonou-se pela divina arte de Mozart e foi executante e ensaiador. Compôs músicas e espalhou-as pelo país sem se preocupar com a sua venda.

Em noite invernal e distante, no gelido Alentejo, Pedro de Freitas sentiu os pés tolhidos de frio e, para os aquecer, pôs-se a saltitar apressadamente. Pois bastou-lhe o som dessa cadência para o inspirar em mais uma das suas músicas...

Das suas obras foi ele próprio o editor, o distribuidor, o ofertante de alma generosa e coração puro a espalhar a sua mensagem de indefectível bairrismo!

Prodigiosa vocação a deste homem, cuja instrução não foi além da 4.ª classe (no tempo em que se aprendia português na escola primária) e que sendo ferroviário consegue desdobrar-se incrivelmente em jornalista, em escritor, em editor, compositor e musicólogo, numa espantosa actividade que deixa estarecidos os homens duma nova era de especialização cada vez mais automática e menos produtiva.

Pedro de Freitas conheceu anos de labor intenso, de esperanças frustradas, de desilusões e de alegrias também. Mas sempre com um sorriso nos lábios, uma palavra aigo mesmo para aqueles que não sabiam compreendê-lo. Quantas horas amargas passou na sua terra por se julgar mal compreendido pelos que deviam apoiá-lo.

O seu amor à terra natal levou-o a oferecer livros ao Hospital de Loulé para que esta instituição colhesse os benefícios da respectiva venda. Que dor lancinante, porém, ele sentiu quando soube do desprezo a que a sua obra fora votada e abandonada à incúria do tempo e ao desprezo dos homens.

«Quadros de Loulé Antigo», era um livro que em 1964 se vendia a 50\$00 por exemplar, mas muitos foram vendidos a 100\$00 e a 500\$00 a quem quizesse ajudar o Hospital, que dessa forma beneficiou de cerca de 30 contos, importância muito avultada naquela época.

Os 330 exemplares que Pedro de Freitas conseguiu salvar das garras implacáveis das intempéries e do abandono, foram entregues à Câmara de Loulé, que os tem oferecido a louletanos e a forasteiros.

Pedro de Freitas saiu de Loulé com 13 anos de idade e por isso nunca a sua terra lhe proporcionou quaisquer benefícios materiais. No entanto dedicou-se-lhe de alma e coração com tal entusiasmo que a sua vida pode ser apontada às novas gerações como exemplo típico de um homem que venceu lutando e cuja dedicação à terra natal é dificilmente igualável.

Por isso podemos parafrasear Pericles para dizer: «enquanto houver homens como Pedro de Freitas, o bairrismo não morrerá».

Pedro de Freitas é símbolo dum bairrismo já muito raro nos nossos dias, mas a sua acção devia ser um estímulo para os jovens cujo espírito aberto e dedicado às nobres causas, podiam ser os continuadores de uma obra que deve projectar-se para além de nós próprios: fomentar a grandeza da terra onde nascemos.

Assim honrariam os seus antepassados.

J. M. Barros

## A EXPOSIÇÃO «AÇORES» PATENTE EM FARO

Na «21, Galeria de Arte», em Faro, encontra-se patente a exposição fotográfica «Açores», uma iniciativa do «Diário de Notícias» com o apoio do Governo Regional dos Açores e a colaboração da Comissão Regional de Turismo do Algarve. O certame reúne uma valiosa reportagem fotográfica constituída por mais de uma centena de trabalhos da autoria do conhecido repórter daquela matutino Eduardo Baião.

Ao acto inaugural estiveram presentes Cabrita Neto (presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve) e Walter Conreiras (vogal responsável pelo Departamento de Animação) e pelos

srs. dr. Pacheco Andrade e Carlos Tibério, em representação do «Diário de Notícias».

No decurso da exposição, que está aberta das 15 às 20 horas, é projectado um «diaporama» sobre as nove ilhas atlânticas.

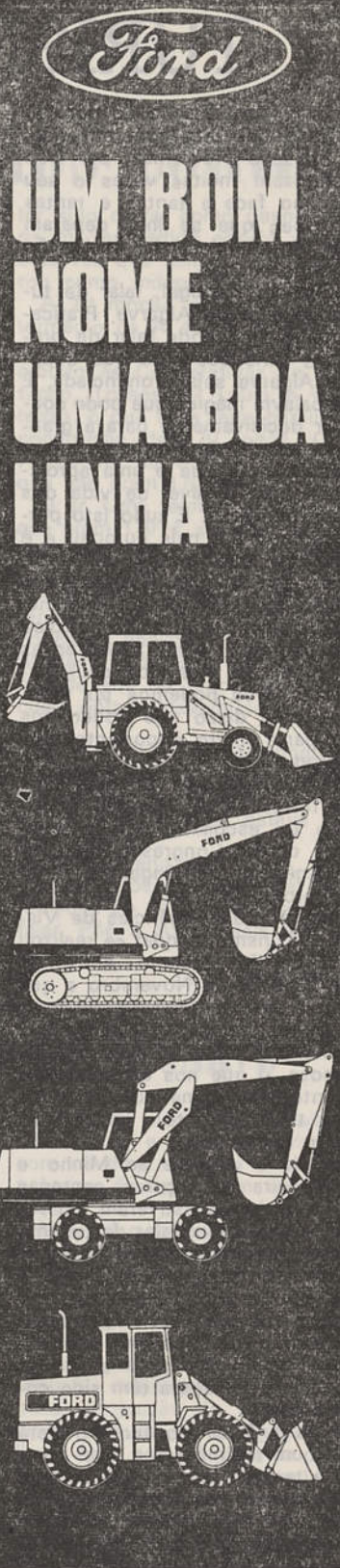
A ISENÇÃO DE SISA  
TERMINA NO DIA 31  
DE DEZEMBRO

### AVISO

A firma J. P. PIRES — A. CONSTRUÇÕES — LOULÉ, comunica a todas as pessoas, que porventura estejam interessadas em comprar apartamentos, que a isenção de sisa termina no dia 31 de Dezembro de 1978, pelo que será de toda a conveniência tratar do respectivo problema com a máxima urgência.

## TORRE AZUL QUARTEIRA

Vende-se, urgente, (pela melhor oferta) 2 apartamentos situados na Torre Azul. Contactar com J. Cheta — Telefone 65535 — QUARTEIRA.



## 13 MODELOS:

Conjuntos carregador-rectro escavadora  
Pás carregadoras  
Escavadoras hidráulicas

## 20 PONTOS DE APOIO:

Concessionários em todos os distritos.  
As máquinas Industriais FORD podem resolver o seu problema! Saiba porquê! Consulte o Concessionário FORD da sua área!

MÁQUINAS INDUSTRIAIS  
FORD CONCEBIDAS PARA  
MERECEREM A SUA  
CONFIANÇA!



Máquinas Industriais

FOMENTO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.  
Voz de Loulé — Jornal do Algarve  
R. Dr. Cândido Guerreiro, 38  
Largo do Mercado, 2 a 15 — Faro  
Tel. 2 30 61-2-3-4



# O TURISMO E O ALGARVE ESTA MINHA TERRA...

(continuação da pág. 1)  
Por isso debatemos com entusiasmo os seus problemas, por isso exteriorizamos muitas vezes o seu desânimo face a tantas e tantas desilusões que se lhes deparam quando pretendem dar realização aos seus sonhos.

Hoje, em Portugal, falar de turismo é falar do Algarve. Praticamente não se pode falar de problemas turísticos sem que a palavra Algarve seja pronunciada. É uma palavra mágica que pode contribuir decisivamente para a grande arrancada de Portugal para a sonhada meta que é uma aproximação com o nível de vida dos países europeus. E tudo isto porque somos um país europeu e é como tal que temos de viver. E viver melhor é uma legítima aspiração de qualquer ser humano.

Os países que têm petróleo aproveitam-no para melhorar as condições de vida dos seus habitantes. Nós podemos ter turismo e será disso que poderemos tirar parte muito importante para progredirmos.

Sem dúvida que foi esta uma das fortes razões porque o Algarve foi escolhido para a realização do IV Congresso Nacional das Agências de Viagem e Turismo, promovido pela Associação Portuguesa das Agências de Viagem e Turismo, o qual se realizou no Hotel Montechoro entre os dias 22 e 26 de Novembro e que contou com a presença de mais de 600 congressistas, tendo em alguns dias reunido mais de 800 pessoas, o que nos dá uma ideia do interesse numa actividade de tão transcendente importância para o nosso país.

Desde o Algarve ao Minho e da Madeira aos Açores, centenas de profissionais estiveram em Albufeira para ouvir falar de turismo e fazer projectos para o futuro.

Aproxima-se a década de 80 e por isso já se analisam os problemas que um previsível desenvolvimento turístico implique sejam já meditados para se evitar erros que até agora têm sido cometidos.

Aliás a força do turismo está tendo um tal impacto a nível mundial e terá tal repercussão na feliz aproximação entre os povos de todo o Mundo amantes da paz e da autêntica liberdade, que há-de ter mais força que a própria guerra.

É disto testemunha o facto de ter sido revelado na sessão de abertura que o total das despesas efectuadas durante o ano de 1977, em turismo nacional e internacional atingiu a fantástica soma de 317 biliões de dólares americanos, quantia superior em 17 biliões de dólares aos gastos de armamento efectuados durante igual período de tempo.

O turismo será na década de 1990 a maior indústria mundial se tivermos em conta, para além das verbas dispendidas que, em 1977, as companhias aéreas de todo o mundo transportaram 628 milhões de passageiros ou seja mais 52 milhões do que no ano anterior.

Formulamos votos por que estes números sejam desencorajadores para os governantes que sonham conquistar o mundo pela força bruta das armas e se convençam de que devem dar uma contribuição positiva para a aproximação pacífica entre todos os habitantes do Globo terrestre.

Através da realização do IV Congresso da APAVT o Algarve ficou sendo ainda mais conhecido pelas centenas de congressistas que aqui se deslocaram e puderam conhecer de perto as nossas potencialidades turísticas. Dos frutos a colher todos beneficiaremos.

Por isso temos que felicitar a APAVT pela iniciativa deste im-

portantíssimo congresso nacional e pela forma primorosa como o organizou e do qual saíram as seguintes conclusões:

- 1 — Definição de uma política nacional de turismo por objectivos.
- 2 — Definição de uma política económico-financeira de investimentos.
- 3 — Metodologia legislativa.
- 4 — Formação profissional.
- 5 — Zonas prioritárias e construção de estruturas turísticas.
- 6 — Acções promocionais externas e internas.
- 7 — Relações com os parceiros sectoriais.
- 8 — Férias repartidas.
- 9 — Qualidade — factor fundamental para o desenvolvimento do turismo.

Está previsto que o V Congresso Nacional da APAVT se realize em Novembro de 1979 em Salvador da Baía, e dê valioso contributo para a aproximação entre as duas nações irmãs.

## DEODATO & HELDER, LDA

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, o seguinte:

Que, por escritura de 8 do mês corrente, lavrada de fls. 82 a 83, v.º, do livro n.º B-103, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, o sócio da sociedade «Artur Condinho & Guerreiro, Lda.», com sede na Estrada de Faro, Expansão Sul, desta vila e freguesia de S. Clemente, Artur Parreira Condinho, cedeu a sua quota a Maria Valentina da Ponte Alves Guerreiro, pelo que saiu da sociedade, renunciou à gerência e não autorizou que o seu nome continuasse a fazer parte da firma social, tendo, pela mesma escritura, sido mudada a firma para «Deodato & Guerreiro, Lda.», a cessionária nomeada gerente, e alterados o artigo 1.º, e o n.º 3 do artigo 4.º, do pacto social;

Que, por escritura de 16 do mesmo mês, lavrada de fls. 96, v.º a 98, v.º, do livro n.º A-103, também de notas para escrituras diversas, do mesmo Cartório, a sócia Maria Valentina da Ponte Alves Guerreiro, cedeu a quota que havia adquirido, a Helder José Inácio Pereira,

pelo que saiu da sociedade, renunciou à gerência, e não autorizou que o seu apelido continuasse a fazer parte da firma social, tendo, pela mesma escritura, sido mudada a firma para Deodato & Helder, Lda.», o cessionário nomeado gerente, e alterados novamente os artigos 1.º e n.º 3 do artigo 4.º, do pacto social, que passaram a ter a seguinte redacção:

Art.º 1.º — A sociedade passa a adoptar a firma de Deodato & Helder, Lda.», tem a sua sede na Estrada de Faro, Expansão Sul, desta vila e freguesia de S. Clemente, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir da data da sua constituição.

Artigo 4.º — 3.º — Para obrigar validamente a sociedade basta a assinatura de qualquer sócio gerente ou seu procurador.

Está conforme.  
Secretaria Notarial de Loulé, 28 de Novembro de 1978.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## Lutadores anti-fascistas e outros

Há vários lutadores: anti-fascistas, anti-terroristas, de luta greco-romana, etc. Uma coisa é certa: após a luta vem o cansaço.

Para vencer o cansaço, durma num colchão EPEDA ou Delta Loc, ambos com garantia «Spring Springmark».

Adquiram os na CASA SIMÃO, na Av. Marçal Pacheco (10-3)

## Amendoeiras prontas a plantar

Vende: Manuel Neto Martins,  
Sítio da Perna Seca — ALTE.

(3-2)

(continuação da pág. 1)

pequena Ermida com um só altar onde está colocada a imagem que lá se venera.

Mas sendo uma pequena ermida, de traça, na verdade simples, ingénua mesmo, observada de longe, é duma graça encantadora. É um mimo...

Houve, porém, quem a não visse assim, e que dominado por um sonho cheio de fantasias concebeu a sua substituição por uma outra capela já mais ousada, agigantada mesmo.

E o que obteve foi aquela coisa feia, desgraciosa, inacabada, que lá vemos agora...

Outra iniciativa sem êxito é, ao que parece o Parque...

Da velha horta, onde fui tantas vezes, pensaram os louletanos fazer um parque, o seu parque, aquele parque de que estão realmente bem necessitados e onde nem uma piscina faltasse.

Mas depois de tantos anos já decorridos, o parque está limitado a um pequeno recinto de recreio para crianças.

Ali não se criaram motivos de interesse, não se plantaram mais árvores, não se fizeram canteiros floridos que dessem àquele recinto uma outra vida, uma outra graça. Tudo soma sem sombra de vida, pois.

Mas continuemos.

Há-de haver uns oitenta anos iniciou-se em Loulé a construção duma nova artéria, a construção da sua avenida, da Avenida Costa Mealha, e que veio a ser o orgulho dos louletanos e, vamos lá, que com alguma razão.

Pouco a pouco, porém, o que era, e é ainda, o seu melhor armamento, tem vindo a banalizar-se com o vulgarismo das vulgares coisas que lá têm vindo a ser construídas.

Mas adiante...

Uma justa aspiração de Loulé é possuir um Palácio de Justiça. Não o possuem já outras comarcas de menor movimento e categoria? Li há poucos dias ainda nos diários da capital que ia iniciar-se a construção em Paredes dum Palácio de Justiça.

Ora Paredes, que é, como Loulé, uma comarca de segunda classe, não possui porém a população do concelho de Loulé, nem a sua comarca tem o movimento da comarca desta nossa terra, que nunca se viu com umas instalações condignas, com uma instalação capaz.

Porque não se constrói um Palácio de Justiça em Loulé, de há muito tão justificado?

Dizem-me que por carência de terreno... A Câmara Municipal ter-se-á visto sem os recursos necessários à sua aquisição e sem terreno pois o Estado não pode construir aquilo que os louletanos desejam e de que têm tanta necessidade.

A situação do erário municipal vai, porém, melhorar... ao que parece.

Será desta, pois, que Loulé virá a possuir aquilo que outras povoações, algumas de menor categoria e de menor população, possuem e já de há muito.

Oxalá...

## PROSPECTOR DE VENDAS

ADMITE-SE:

Para prospecção do mercado de vendas de refrigerantes, com experiência no ramo ou similares, com bons conhecimentos do mercado do Algarve e Baixo Alentejo, para firma com sede em Faro.

O candidato a admitir deverá possuir carta de condução.

Os interessados deverão apresentar o seu «currículo» detalhado para este jornal ao n.º 36.

## MOBÍLIAS — MOBÍLIAS

MOBÍLIAS DE ALTA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

Grande stock de móveis em todos os estilos, lustres, candeeiros e alcatifas

## CASA SIMÃO

A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA. — Telef. 62110

Exposição e Venda:

Av. Marçal Pacheco, 34 e 33 a 51

Salão de Exposição:

Praça da República, 8

Depósitos:

R. General Humberto Delgado e na R. Manuel Guerreiro Pereira em Loulé.

PARA AS FESTAS QUE SE AVIZINHAM

PREFIRA O

## BOLO-REI DA LOULEPÃO

O MAIS SABOROSO

O MAIS ATRAENTE

Prove o Bolo-Rei da LOULEPÃO

Contacte connosco pelo Telefone 62019 — LOULÉ



## QUARTEIRENSE: Vitória precisa-se

O Quarteirense continua sem se reencontrar. Depois do último artigo que publicámos neste jornal, a equipa de futebol do Quarteirense disputou mais 4 encontros: em Loulé, empatou 0-0 com o Odemirense; fora perdeu com o Serpa 1-0; com o Lusitano do Barreiro 2-0 e empatou com o União Sport 0-0. Ou seja, ao fim de 11 jornadas realizadas, o Quarteirense ainda não venceu um único jogo, tendo apenas alcançado 4 empates, encontrando-se no penúltimo lugar da classificação geral.

Mas o que é espantoso e quase inédito é que, ao fim de 11 jornadas, os avançados do Quarteirense tivessem apenas marcado 2 golos! Por outro lado, é curioso que, das 16 equipas que disputam a zona F da 3.ª Divisão Nacional, 5 têm mais golos sofridos do que a defesa do Quarteirense, enquanto 3 estão em igualdade relativa. Quer isto dizer que o Quarteirense praticamente não possui linha avançada, é portanto uma equipa só com meio campo e defesa, o que é realmente insuficiente.

Os jogos ganham-se marcando golos. O Quarteirense terá portan-

to que rever o seu sistema de jogo, se quiser alcançar a vitória e afastar-se da zona perigosa em que se encontra. Uma tarefa árdua espera os jogadores e o treinador do Quarteirense, se quiserem impedir que a equipa desça ao Regional, o que seria uma grande desilusão para os quarteirenses que gostam do seu Clube.

A massa associativa ainda apoia a sua equipa, embora se façam já ouvir vozes de protesto. Mas, é nos momentos maus que se conhecem os amigos e, se houver união e vontade, ainda poderá ser possível salvar o Quarteirense da descida.

Aos avançados pedem-se golos, pois só estes dão as vitórias. Marcar 2 golos em 11 jogos é quase ridículo, revelando total ausência de engodo pelas balizas adversárias.

Veremos o que nos dá o futuro. Ainda acreditamos na equipa. E, sobretudo, temos esperança que os desportistas de Quarteira saibam unir-se nesta hora, muito diferente da época eufórica do ano passado.

Q. M.

Naquela noite estivemos lá..

## Vimos, ouvimos e vamos contar

Como preâmbulo, diremos que não vamos fazer uma acta do que se passou na Assembleia Municipal de 24/11/78, mas apenas uma análise tanto quanto possível crítica dos pontos mais importantes daquela Assembleia:

1. Demissão a seu pedido do Presidente da Assembleia.
2. Elevação de Quarteira a Vila.
3. Homenagem aos mortos de 25 de Novembro de 1975.
4. Moção de Desconfiança temporária ao Gabinete Técnico da Câmara Municipal.
5. Análise da proposta do aumento do custo da água.

1—A Assembleia começou praticamente com a saída da Mesa do respectivo Presidente, após

### Escolas degradadas

No último número do nosso jornal falámos do vergonhoso estado em que funciona a escola de Quereña e esse facto trouxe ao nosso conhecimento a revelação da existência de mais 2 escolas no concelho de Loulé, cujo paupérrimo estado exige medidas imediatas para solução urgente.

Trata-se da escola de S. João da Venda, cujo edifício se encontra em estado verdadeiramente lastimável. Telhado esburacado, com todos os inconvenientes daí resultantes — desde a chuva que molha ao frio que atormenta as crianças e as distrai dos trabalhos escolares.

Há ainda a considerar a péssima localização da escola, pois o facto de se situar junto à estrada já deu origem ao atropelamento de 2 crianças.

Igualmente deploráveis são as condições da escola do Paragil, que desde há 2 dias se encontra em estado do mais incrível abandono.

Sabemos que estão previstas a construção de 2 escolas novas para estes sítios e que há verbas para esse efeito.

Parece que o único problema é o terreno que a Câmara de Loulé terá de pôr à disposição dos Serviços Técnicos de Évora (Delegação da Direcção Geral de Construções para a Zona Sul).

Considerando que se trata de uma área relativamente pequena é de estranhar que não tenha sido possível ainda fazer essa transacção com algum proprietário daquelas zonas.

E pensamos até que, talvez com um pouco de boa vontade e espírito de colaboração, fosse possível encontrar alguém que até estivesse disposto a oferecer o terreno, o que aliás já tem acontecido noutros sítios, pois uma escola primária é sem dúvida um dos mais preciosos bens que uma terra pode possuir, porque é uma oficina de portentosos engenhos e um guia seguro do futuro das populações.

### MERCEARIA TRESPASSA-SE

Com casa de habitação, na Rua Afonso de Albuquerque. Por motivo de doença.

Trata V.ª de Joaquim Gonçalves Viegas — Telef. 62417 — LOULÉ.

(3-2)

### LUIZ PONTES

#### ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

ter-lhe sido perguntado a razão da antecipação da Assembleia que deveria ter sido marcada para 25/11 e não para 24/11, uma vez que a mesma tinha sido convocada por deliberação de mais de metade dos seus membros na última sessão. Razão invocada: ter o presidente da Câmara e ele próprio, de assistir ao Congresso do P. S. (Presidentes de Câmara e Assembleias) no dia 25/11/78. A APU, que tinha feito a interpegação situou o facto da sobreposição dos interesses partidários acima dos interesses dos municípios e como tal não foi aceite pelo Presidente da A. M. que pediu votação para se definir qual a posição correcta. Exceptuando os membros do P. S. a Assembleia votou por maioria apoiando a tese da APU e o Presidente saiu. A Assembleia não achou bem, pois se errou, o seu trabalho havia sido positivo até então. A sua atitude foi irremovível e desta forma se concretizou a saída do sr. Domingos Chagas, de Presidente da Assembleia Municipal de Loulé. Achamos a sua atitude precipitada e desnecessária. A crítica que lhe foi feita, foi justa e correcta. Errar todos erram e a votação da Assembleia não poderia

ter sido outra, como desnecessária foi ter pedido aquela votação uma vez que sempre se apresentou como independente.

A 1.ª moção apareceu por intermédio da A. P. U., manifestando preocupações pelo corte de crédito às Cooperativas de Habitação, (casos de Loulé e Quarteira), o que teria feito paralisar a construção de 170 fogos. O sr. Presidente da Câmara esclareceu que não eram 170 mas sim 55.

O sr. Lima teimou em reafirmar que eram 170. E só após fastidiosas, prolongadas e confusas explicações (em que o representante da APU camufladamente pretendia deturpar a verdade) se concluiu, finalmente, que o problema levantado só tinha que referir-se aos 55 fogos iniciados e cujas obras estavam de facto paradas.

O resto era pura demagogia.

Aliás o Governo nunca poderia ter suspenso créditos para casas cuja construção estava apenas prevista...

Um pequeno aparte:

Vale a pena assistir a estas reuniões só para ouvir o sr. Lima falar. Põe a Assembleia em polvorosa!

(continua)

## REPENSAR O DESPORTO

### «Chutos ao ar»

— Apregoar a «Massificação» é uma forma ardilosa de fazer crer que a mesma é praticada. É o mesmo que dizer: faz o que eu digo mas não faças o que eu faço.

— Repensar os «chutos passados» é uma maneira honesta de se auto-criticar se o fanatismo não nos turvar a memória.

— «Chutar p'ró ar» é arriscar-mo-nos a levar com... na cabeça.

— A «Massificação» é útil aqueles que a apregoam; não a praticam e dela tiram proveito.

— P'ra uns a «Massificação» é proporcionar Desporto a todos. Isto é, participar.

P'ra outros é formar equipas de elite. Como dizer, para competir. É ter modo de perder. Como dizia o outro. — Até onde... No ano seguinte não houve «Massificação».

— Os «Chutos p'ró ar», dados por mim são bonitos. Tu de lá para cá vens. De cá para lá, irás ou não. E viva a liberdade de opinião, de escolha, etc., a nossa.

— Dar «chutos p'ró ar» em vão; não é chutar como outrora; criticaste a nossa acção; hoje chutas com os de fora.

— Fez-se luz no Estádio Municipal da Campina e logo os iluminados tiraram luz à razão.

— Consta que o 2.º Torneio Quadrangular de Futebol de Loulé está a ter um parto difícil. O seu nascimento previsto para o dia um de (1) Dezembro atrasou-se devido à falta de colaboração e assistência do médico-chefe obstetra da região. Aliás a «mãe» destes bebés está condenada, pelo menos por ora e durante o tempo necessário ao médico para arumar outros assuntos e dedicar-se mais afinadamente ao problema, dizia eu, está a «mãe» condenada a ter partos difíceis, pois já o seu 1.º Torneio Quadrangular nasceu, há dois anos, sem assistência e o apoio que são devidos e merecidos pelos serviços oficiais da região e do sector. Nascimentos deste tipo, quer as «mães» sejam do bairro ou vivam num belo apartamento da cidade, deverão ser acarinhadas e deverão ser-lhes dados a assistência e o apoio necessários à sua sobrevivência e longa vida. Enfim, já os populares antigos diziam. Quem boa cama fizer, nela se deitará.

— Santos ao pé da porta não fazem milagres. Os antigos, nos adágios expressavam várias for-

mas de pensar e de agir também. O certo é que ainda hoje isso acontece.

Naquele dia «chutou-se p'ró ar» na ocupação dos tempos livres... dos outros.

UM ESPECTADOR

### 2.º Torneio Quadrangular de Futebol de Loulé

Sob chuva copiosa iniciou-se no passado sábado dia 2 de Dezembro, o 2.º Torneio Quadrangular de Futebol de Loulé organizado pelo Juventude S. Campinense. Devido ao mau tempo que se fez sentir nesse dia registou-se fraca assistência. Apesar de tudo isso as equipas participantes compareceram e o jogo realizou-se, tendo-se verificado no final o seguinte resultado:

F. C. Onze Esperanças, 2 — Leões F. C., 1.

O Torneio teve o seu segundo encontro no domingo às 15 horas entre as equipas do Juventude S. Campinense e do Sport Lisboa e Fuzeta. Neste dia o tempo ajudou um pouco, não tendo chovido de modo a dificultar a partida.

O resultado no final do tempo regulamentar era de um empate a um golo. O resultado decidiu-se por grandes penalidades, tendo o Campinense saído vencedor por 6 contra 5 transformações.

O 2.º Torneio Quadrangular de Futebol de Loulé continua no próximo dia 8 de Dezembro, feriado, com a realização de dois encontros. O primeiro, às 14 horas, para apuramento dos 3.º e 4.º lugares e o segundo jogo às 15.45 h. para apuramento dos 1.º e 2.º classificados.

Assim teremos:

1.º Encontro — Leões F. C. (Tavira) — S. L. e Fuzeta; 2.º Encontro — J. S. Campinense — F. C. Onze Esperanças (Faro).

No final do último encontro serão distribuídos troféus de classificação a todas as equipas participantes no Torneio.

A.

(Retardado na tipografia)

## FEIRA DO TURISMO DO ALGARVE

A par do Congresso decorreu no amplo salão do Restaurante Monteverso a Feira do Turismo do Algarve, realização da sua Comissão Regional que arrastou até ao sul do País representações do Turismo, Hotelaria, Comércio, Indústria e diversos, de quase todo o território nacional, incluindo Açores e Madeira.

Foram cerca de «trinta» os Stands ali expostos que se espalharam pelo magnífico recinto, dando ao elevado número de visitantes que ali acorreu, quer através de belas e sugestivas fotografias, quer através de folhetos, brochuras, peças de artesanato, ourivesaria, vinhos, etc., as realidades do Portugal que somos. Ali estiveram representadas as várias regiões do País, mais demarcadamente turísticas, dando a conhecer os seus hotéis, pousadas, as suas belezas naturais, os seus produtos regionais mais representativos.

Assim a «Costa Verde» (Minho), a «Costa de Prata» região que se estende desde o rio Douro até ao distrito de Leiria, a «Zona Montanhosa» compreendendo o Nordeste Transmontano e Beiras Baixa e Alta, a «Costa do Sol» zona ribeirinha do Tejo desde Lisboa até Cascais, as «Planícies» que inclui os distritos de Santarém, Portalegre, Évora e Beja e por último o Algarve, todas elas faziam alarde das suas unidades hoteleiras, das suas praias, das suas indústrias, do seu comércio, da pecuária, dos seus vinhos, da sua agricultura, do seu artesanato, dos seus monumentos, em suma do que há de mais representativo, regional e requintado.

Não faltaram os afamados e internacionalmente conhecidos vinhos do Porto, cartaz sempre atraente, que como é natural e compreensivo, foi um chamaril com as «provas» das afamadas marcas ali expostas. Tudo muito bem, muitos visitantes, mas o insólito aconteceu. Os copos tinham desaparecido por arte mágica, santo Deus. Então, e os que vinham depois não tinham também o direito de saborear o famoso nectar? Claro, tiveram de se ir pedir copos. E idêntico fenómeno se passou no stand que representava as várias marcas de whisky. E nós perguntamos se isto é prerrogativa do estado democrático, em que vivemos, ou se é uma manifestação doentia que peca por muito mau gosto e que parece ser apanágio da alguns portugueses.

Montechoro viveu uma semana

de intensa actividade, cheia de movimento e cor, a contrastar com os dias tristes e monótonos próprios da época em que vivemos.

Mas até o tempo caprichou, não deixando de enviar um sol maravilhoso que muito terá contribuído, certamente, para um redobrar de energias e um finalizar com maiores êxitos.

Manifestações deste tipo contribuem, decisivamente, para uma maior projecção do Turismo Nacional através da divulgação que lhe é dada pelos órgãos da comunicação social e pelo grande número de pessoas que sempre acorrem para ver e animar estes certames. Por estes motivos, estão de parabéns, e merecem os nossos aplausos, todos quantos, com o seu esforço, contribuem para o progresso e engrandecimento do nosso País.

Montechoro, 1 de Dezembro de 1978.

G. C.

## GRALHAS EMBARAÇOSAS

Por carência de atenta revisão, «A Voz de Loulé» tem ultimamente sido vítima de galhas tão graves que alteram completamente o sentido daquilo que o colaborador escreveu, pelo que contamos com a benevolência e compreensão do leitor e pedimos as nossas desculpas aos respectivos autores.

Embora seja extremamente difícil fazer referência circunstanciada às gralhas mais notórias, nem por isso queremos deixar de chamar a atenção para uma que saiu na local «A Voz de Loulé» faz anos» e que deturpa o sentido e por isso rectificamos a seguinte passagem: «...que recusamos uma nova e cruel ditadura que nem SEQUER precisa de impor a censura». Saiu «nem sempre precisa», o que não é a mesma coisa.

No número anterior e na referência à Assembleia Municipal, saiu «falsidade» em vez de «a felicidade de sermos a província mais bafejada pelo Sol».

## ACHADO

Encontra-se na nossa redacção, e será entregue a quem provar pertencer-lhe, um objecto há dias encontrado na Rua Antero de Quental, desta vila.



# A morte ronda as estradas

Consumadas várias tragédias em consequência de desastres de automóveis, ocorridos nos arredores de Loulé e também em Espanha, com pessoas muito conhecidas nesta vila, podemos considerar como verdadeiramente fatídico o período do prolongado fim de semana dos 1.º dias de Dezembro.

O mais dolorosamente sentido foi sem dúvida o ocorrido no sítio de Lepe, no percurso da estrada Ayamonte-Huelva e que causou a morte de 2 pessoas muito conhecidas e estimadas em Quarteira e em Loulé.

Referimo-nos ao desastre com um veículo automóvel conduzido pelo nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Francisco Avelino Chaparro Gomes, proprietário do Restaurante Pic-Nic, de Quarteira e que se deslocara a Espanha em viagem de turismo, acompanhado de sua esposa e do também nosso estimado amigo sr. José Inácio da Silva Mota, proprietário do Restaurante Golf-mar, que também era acompanhado da esposa.

Ou que tivesse havido erro de manobra, fraca visibilidade ou qualquer outro motivo imprevisível, o certo é que o automóvel chocou brutalmente com um camião que seguia em sentido contrário.

Do violentíssimo embate resultou a morte imediata do sr. José Inácio Mota e da esposa do condutor, o qual ficou gravemente ferido. Ainda pior ficou a esposa do sr. Mota, que deu entrada no Hospital de Huelva em estado de coma, mas tem sentido ligeiras melhoras, segundo nos informam. No dia em que redigimos esta notícia ainda o sr. Francisco Gomes se encontra também internado em Huelva.

A notícia deste trágico acidente correu célere em Quarteira e em Loulé, e causou profunda consternação, pois as vítimas são pessoas muito conhecidas e estimadas.

E isso ficou claramente demonstrado na grande manifestação de pesar que culminou com o funeral das 2 vítimas realizado para o cemitério de Quarteira no passado dia 3 de Dezembro, onde fecharam o círculo da sua vida. Os sentimentos de pesar de quantos ali se deslocaram foi prova bem evidente da simpatia de que disfrutavam aqueles que da misérrima vida a meta extrema atingiram.

O sr. José Inácio da Silva Mota contava 52 anos de idade e veio para o Algarve há cerca de 15 anos como chefe de contabilidade do Hotel Balaia. Natural de Extremoz, apaixonou-se pelo Algarve e decidiu dedicar-se à actividade turística em Quarteira, com a exploração do bloco de Apartamentos «Golfman» e mais tarde um restaurante «Self-Servi-» ce», um supermercado e cervejaria tudo no mesmo edifício, revelando assim a sua extraordinária capacidade empreendedora e ampla visão das necessidades de Quarteira, onde residiu durante 9 anos.

O seu fino tacto e simpatia natural, grangearam-lhe merecida amizade de quantos com ele privaram. Homem franco e inteligente, aberto e leal para com os amigos, rapidamente se tornou muito considerado em Quarteira, deixando por isso em cada amigo aquela dolorosa, inconsolável e constante saudade que a morte não apagará.

A sr.ª D. Izelinda Travanca Gomes, era natural de Elvas e contava 37 anos de idade. Deixou orfãos as meninas Ana Paula e Ana Bela Travanca Gomes, respectivamente de 9 e 6 anos de idade.

Para a inconsolável família enlutada endereçamos a expressão do nosso sentido pesar.

Um outro desastre que também deixou muito impressionada a opinião pública em Loulé, foi o ocorrido há dias na estrada Loulé-Quarteira e em que perdeu a vida o sr. José Amado da Cerca (Zeca). O automóvel que conduzia saiu da estrada e cortou várias árvores.

O infeliz condutor que contava 47 anos de idade, era marinho-emigrante e deslocava-se a Loulé num dos seus habituais períodos de descanso. Convidara 2 amigos para um passeio a Quarteira e afinal foram ambos parar ao Hospital em estado muito grave.

Pior ainda ficou o sr. José Amado que foi para o cemitério, deixando viúva a sr.ª D. Josefina Diogo da Cerca e orfãs a menina Ester Maria Diogo da Cerca e o menino Vítor Manuel Diogo da Cerca.

Temos assim a lamentar mais um terrível desastre a ensanguentar as nossas estradas, o qual deve servir de alerta para quantos, ao segurarem um volante, não se esquecerem de que «mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto».

A família enlutada apresentamos as nossas mais sentidas condolências.

## ACIDENTE DE VIAÇÃO NA ESTRADA LOULÉ-S. BRAZ DE ALPORTEL

Ao quilómetro 36, da estrada que liga Loulé a S. Braz de Alportel, ocorreu no passado dia 1 do corrente, pelas 16.15 horas um acidente que poderia produzir, não obstante os ferimentos e fracturas verificadas, bem piores consequências.

Foi o caso de o condutor de uma moto, com a chapa de matrícula LM-41-27, de nome José Rodrigues Gonçalves, conhecido por José Táceto, ter virado à esquerda, inadvertidamente, ao que se aventa, para se dirigir à sua moradia que no referido ponto da estrada se localiza.

Fez, porém, a manobra precipitadamente, não se apercebendo que precisamente nesse instante um carro, vindo da sua rectaguarda, se preparava para o ultrapassar.

O choque deu-se, irremediavelmente, tendo concorrido para que

do impacto não resultasse danos pessoais mais graves, o facto de José Gonçalves ter ficado em cima do veículo, um «Peugeot», chapa de matrícula GZ-68-56, conduzido por Evangelina Maria da Silva Lopes, de 30 anos de idade, doméstica.

Imediatamente conduzido ao Hospital de Faro, pela ambulância dos Bombeiros Municipais, ao acidentado, foi, devido aos ferimentos e fracturas provocadas, amputada a perna esquerda.

O infeliz ciclista tem 38 anos de idade e 2 filhos menores.

É trabalhador da fábrica de cimento Cimpor, em Loulé.

## ALGARVE, região de turismo — planos a longo e médio prazo

Subordinada ao tema «Algarve, região de turismo — planos a longo e médio prazo» o sr. Joaquim Manuel Cabrita Neto, presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, fez uma pormenorizada exposição aos participantes na reunião anual dos Chefes de Recepção da Associação dos Hotéis de Grande Classe Internacional.

Esta reunião, em que participaram 25 elementos vindos de vários países europeus, decorreu durante três dias no Hotel Algarve, na Praia da Rocha e foi presidida pelo sr. Jean Armleder.

A Comissão Regional de Turismo do Algarve proporcionou ainda aos participantes uma visita à zona de Sagres e São Vicente.

## PARTICIPAÇÃO E AGRADECIMENTO



EDUARDO CORREIA

Eduardo João Passos Correia e Dr.ª Marta Palmira Pereira Costa Passos Correia e filhos, Maria das Dores Correia Guerreiro, seu marido Manuel Rodrigues Guerreiro e filho, António Correia, sua esposa, Maria do Pilar Ramos Correia e filhos, Isabel Correia (viúva) e filhas e demais família cumprem o doloroso dever de participar, que foi Deus Servido chamar à sua Divina Presença, o seu muito querido e inesquecível pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente. Aproveitem a oportunidade para agradecerem muito reconhecidamente a todas as pessoas que em vida lhe dedicaram a maior simpatia de amizade e também a todos quantos o acompanharam numa grande manifestação de pesar até à sua última morada. Mais uma vez a família reconhecidamente agradece.

## «O PRIMEIRO DE JANEIRO» reportou-se ao futuro Museu de Loulé

É-nos grato constatar que, por vezes, as notícias propaladas nesta tribuna da imprensa regional, ultrapassam os confinamentos geográficos em que se situa e surgem, revigoradas, através da chamada grande imprensa.

Coube agora, congratula-nos referenciar, a vez ao jornal «O Primeiro de Janeiro», diário do Porto, ocupar-se do Museu de Loulé, e tributar-lhe alguns considerandos.

É este, portanto, o teor do comentário publicado em «O Primeiro de Janeiro», na sua edição de 27 de Novembro passado:

### LOULÉ VÊ NASCER O MUSEU QUE DESEJAVA

É hoje, ideia firme que os achados arqueológicos devem ficar expostos nas zonas em que foram encontrados, possibilitando-se, assim, a criação de novos centros de cultura, através de uma activa e autêntica descentralização cultural, que não apenas de diploma e a inserção das motivações arqueológicas no seu próprio meio. Estes museus locais são na realidade, com a dinamização que as suas actividades devem comportar, centros de dinamização da vida cultural dos burgos, local de estudo e de apoio ao estudo e de fomento de iniciativas regulares.

Vem isto a propósito da projectada criação do Museu Arqueológico e Etnográfico de Loulé, que ora está conhecendo um decisivo impulso, com o apoio do Município local. Sede do maior concelho algarvio, que se estende desde a serra até ao mar suave e quedo, Loulé tem constituído, também, uma das mais ricas zonas de investigação arqueológica, com presença de quantos povos cruzaram ou se fixaram no Meio Dia Ibérico.

A recente descoberta, na freguesia do Ameixial, de um povoado a que se atribuem cerca de 5 000 anos, é um testemunho eloquente dessa mesma riqueza. Importante, pois, este projecto das gentes louletanas de dotar a sua vila com o museu onde a arqueologia e a etnografia se encontrem presentes com repositórios autênticos dos muitos valores existentes ou descobertos.

Assim, o Município de Loulé deliberou, numa das últimas reuniões, aceitar a constituição da Comissão que, voluntariamente, se formou para o efeito. É integrada pelo padre Cabanita (prior de uma das freguesias da vila), João de Aragão Moura, prof. Inácio Duarte, dr. José Mendes Bota, Santos Gomes e José Viegas.

Em reuniões já realizadas com o presidente do Município, Andrade de Sousa, foram focados aspectos concretos. Assim, o museu irá funcionar, a título provisório, nas dependências da antiga Escola Técnica que vão ser restauradas, nelas se instalando, também,

a Biblioteca e o Arquivo Municipal.

Tudo se conjuga, pois, para que Loulé venha a ter, no seu Museu Arqueológico e Etnográfico, um importante elemento de vida cultural. — J. L.

«O Primeiro de Janeiro»  
27 de Novembro de 1978

## Terminou com maior êxito o 1.º Encontro de Teatro Profissional para a Infância e a Juventude

O 1.º Encontro de Teatro Profissional para a Infância e a Juventude promovido pelo CPTIJ foi um acontecimento único e histórico para o teatro português.

Pela 1.ª vez reuniram-se 14 companhias de teatro profissional, 12 das quais apresentaram os 29 espectáculos a que assistiram 6 000 espectadores entre 21 e 26 de Novembro.

O Bando apresentou «O Pastor», «O Vigarista e o Dentista», «O Ovo» e «Omzi-Kzaf». Teatro da Branca Flor, «Os Dois Compadres»; Casa da Comédia, «Ai não Fazem de nós Gato Sapato»; Centro Cultural de Évora, «Unidade Infância»; «Ma Laing»; Comediantes, «Pé de Palhaço»; Comuna, «Bão»; Joana, «Oh Mãe Deixa-me ir ver o Ai Ai Minha Machadinha»; Pé de Vento, «Ventolão o Maior Intelectual do Mundo»; Saltitões, «A Gruta»; TAS, «Zé Pimpão e os sapatos feitos à mão»; TIL «Vivam os Palhaços»; TNT, «Um dois três cinco histórias de uma vez».

Apesar da falta de apoio oficial, foi possível a realização deste 1.º Encontro devido ao esforço, capacidade organizativa e entusiasmo dos grupos aderentes e a cêndia das salas pelo Teatro da Comucópia e «Barraca».

### LOULÉ



ANTÓNIA FILIPE  
LEAL INÊS

## AGRADECIMENTO

Sua família extremamente penhorada pelas demonstrações de amizade e carinho que recebeu, vem por esta forma tornar público o seu mais vivo reconhecimento a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar ou de qualquer forma acompanharam o seu desgosto e a quem, por deficiência de endereços ou por qualquer outra circunstância o não pôde fazer directamente, ressaltando assim uma omissão involuntariamente cometida.

## FALECIMENTO

Em casa de sua filha, em Vila Real de Santo António, faleceu no passado dia 27 de Novembro, a nossa conterrânea sr.ª D. Adelina da Ponte Gonçalves, que contava 92 anos de idade e era viúva do sr. Alexandre Gonçalves Gosma.

A saudosa extinta era mãe do nosso conterrâneo e estimado amigo sr. Gilberto da Ponte Gonçalves, funcionário de Finanças, aposentado, casado com a nossa conterrânea sr.ª D. Alberta da Piedade Barros Gonçalves e da sr.ª D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, casada com o nosso prezado amigo sr. Francisco Lopes Madeira, comerciante em Vila Real de Santo António.

A família enlutada apresentamos sentidas condolências.

## CONVITE PARA BOM ENTENDEDOR

A firma ANÍBAL MADEIRA & IRMÃO LDA. sabe em que noite foi levantada da Rua 3 (paralela à Avenida Infante Sagres) em Quarteira a mini-grua que ali se encontrava para assistência às obras e sabe também qual a matrícula do veículo que fez o transporte.

Alertou desse facto as autoridades, mas prefere evitar tomar medidas drásticas para recuperar o montacargas. Por esse motivo solicita ao incauto transportador o favor de tomar medidas no sentido de evitar que tenha de suportar graves consequências do seu impensado e repentino acto.



## JORNADA DE SAUDADE

(continuação da pág. 1)

todas as idades, num leque étário de muitas décadas, entre professores e alunos, sempre amigos e sempre unidos.

A união não faz só a força, enforma a própria vida.

É a lição daquela história africana que, ainda muito a propósito, também foi contada na reunião:

«Numa escola, o professor pergunta a um dos alunos o que faria ele, se encontrasse uma cobra no seu caminho:

— Matava-a com uma pedra na cabeça, respondeu a criança.

Um outro:

— E eu com um pau.

Um terceiro:

— Eu também.

— E se encontrassem dez cobras? pergunta o professor.

— Eu fugia! respondem todos à uma.

— Pois bem, concluiu o professor, as cobras morrem porque andam sozinhas!»

União é vida.

A camaradagem que irmana os antigos alunos do liceu continuará a pairar de quaisquer divergências de opinião, num sentimento superior de amizade que vivifica a sua saudade, entretendo a sua união e é a razão da sua sobrevivência.

R. G.

## Viegas Lopes, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL  
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno  
António da Rosa Pereira  
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 24 do mês corrente, lavrada de fls. 129 a 130, do livro n.º C-103, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Praça da República, n.ºs 38 e 40, de polícia, desta vila e freguesia de S. Clemente, com a firma, de «Viegas Lopes, Lda», e dada como liquidada, encontrando-se devidamente aprovadas as contas sociais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 27 de Novembro de 1978.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

## BRAZÃO & MORGADO, LDA.

COMPRA E VENDA  
DE AUTOMÓVEIS

Largo do Chafariz  
Campina de Cima — Loulé  
VENDE:

Opel 2.100 Diesel

Peugeot 204 Break Diesel

Ford Transit (Furgão)

Diesel

Fiat 127

Renault 5

Ford Escort — 4 portas

Mini Clubman

Dyanne 6

MG 1300 — 2 portas

(3-1)

## APARTAMENTOS

VENDEM-SE

Em acabamentos, situados na Rua Frei Joaquim de Loulé, 45 — Loulé.

Trata no próprio local.

(4-1)

## CARIMBOS

Executam-se na  
GRÁFICA LOULETANA  
Rua Marechal Gomes da Costa  
Telef. 62536 — LOULÉ

## Trespasa-se

Armazém de vinhos, de depósitos aéreos e subterrâneos com vendas a retalho e a atacado, serve para outro ramo de negócio. Telefone 62256 — Av. José da Costa Mealha, 93 — LOULÉ.

(2-1)

LEIA — ASSINE — DIVULGUE

«A VOZ DE LOULÉ  
O SEU JORNAL

# no B.N.U. só não está seguro quem não quer.



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO  
DA EXPERIÊNCIA PARA O FUTURO

Basta ser depositante do BNU para estar automaticamente seguro. Sem trabalho. Sem demora. Através do seguro do depositante. E, só se não quiser é que não aproveita as enormes vantagens deste novo serviço, que o Banco Nacional Ultramarino criou para si. Informe-se sobre o Seguro do Depositante em qualquer Agência do Banco Nacional Ultramarino.

## UNIVERSIDADE DO ALGARVE

O presidente do Racial Clube de Silves, Eng.º Guerreiro Matoso procedeu agora à entrega na Comissão Parlamentar de Educação, Ciência e Cultura da Assembleia da República de um volume com 5 000 assinaturas pedindo a urgente concretização da Universidade do Algarve.

No documento que acompanha as assinaturas entregues à referida Comissão que está a preparar o diploma sobre o Ensino Superior no Algarve, é referida ainda a ne-

cessidade de promover a criação de novos polos de desenvolvimento regional numa província onde, à semelhança do resto do país, é excessiva a concentração de serviços na capital do distrito.

O Racial Clube irá ainda na sequência de outras acções que no passado tem desenvolvido, promover a realização de sessões públicas em Silves sobre a problemática do Ensino Superior do Algarve.



# HOMENAGEM A PEDRO DE FREITAS

(continuação da pág. 1)

O homenageado, acompanhado pelo presidente do Município, sr. Andrade de Sousa e de seu neto, Vitor Manuel Mendes de Freitas, acorreu-se da referida placa, por entre os acordes metálicos da «Música Nova», cabendo a este último o respectivo descerramento, o qual foi sublinhado por estrepitosa ovação.

Imediatamente, Pedro de Freitas, depois de cumprimentado pelo presidente da Câmara, foi envolvido por muitos amigos, admiradores e familiares que efusivamente o abraçaram e o felicitaram, emprestando ao significado protocolar da solenidade um cunho adicional de vibração, simpatia e entusiasmo humanos.

No prosseguimento, foi levada a efeito, no salão nobre dos Paços do Concelho, a sessão solene que culminou a parte oficial do programa.

A mesa de honra, tomaram lugar o Governador do Distrito de Faro, Dr. Almeida Carrapato, que presidiu à cerimónia, o presidente da Câmara Municipal de Loulé, sr. Andrade de Sousa, Pedro de Freitas, que ficou ladeado pelas individualidades preliminarmente indicadas e o artista Manuel Cabanas, orador e democrata de reconhecida fluência e amigo afeiçoado do homenageado.

Aberta a sessão pelo Governador do Distrito de Faro, falou, no intuito da mesma, o presidente da Câmara Municipal de Loulé, sr. Andrade de Sousa, que num improviso notável, destacou o imperativo de um dever de gratidão e reconhecimento a cumprir pela autarquia, ciente de que os relevantes serviços prestados por Pedro de Freitas em prol do pres-

tígio de Loulé, justificavam plenamente a homenagem ali publicamente consumada.

Fragorosa salva de palmas selaram as palavras do presidente do Município.

Coube a João Corpas Viegas, redactor deste jornal, secretariar a solenidade, tendo procedido à leitura a correspondência recebida, alusiva ao festivo evento, a qual reuniu um tocante repositório de depoimentos mesclados de apreço, estima e júbilo, pelas merecidas provas de gratidão de que Pedro de Freitas era no momento alvo.

De vários quadrantes do País, foram com efeito recepcionadas mensagens de congratulações e felicitações, umas dirigidas ao presidente do Município de Loulé, aprovando e aplaudindo, simultaneamente, a iniciativa, outras endereçadas a Pedro de Freitas, transparecendo em todas elas a referência de que os seus signatários, uma vez impedidos por vários e ponderáveis motivos de estarem presentes, se associavam em espírito ao marcante acontecimento.

Foram lidas, portanto, as mensagens de Padre Rui Morais Botelho, do cônego dr. José Augusto Alegria, de Armando de Mendonça Escoto, do dr. José Isidro Farrajota Rocheta, do poeta e jornalista João Liberal Correia, de Raul Rafael Pinto, do dr. Maurício Monteiro, do eng. João Carlos Alves, do prof. J. Faria Lapa, do tenente Omero Apolinário e do maestro Manuel da Silva Dionísio, chefe do Departamento de Orquestra da R. D. P.

Chegou então a vez a Manuel Cabanas, tecer ao homenageado a respectiva apologia, fazendo alarde dos seus largos conhecimentos biográficos e dos seus dotes oratórios.

Antecedendo de vários considerandos alusivos aos retratos de eminentes louletanos, existentes no salão nobre, Manuel Cabanas, referiu a incompreensão que parece condenar os artistas, como visionários, perante um mundo utilitarista e materializado, mas que por ironia suprema sobrevive pelos tempos fora, (enquanto os mecenas fenecem), por força da intemporalidade das suas obras geniais.

Ocupando-se então da vida e da obra de Pedro de Freitas, estabelece um paralelo, uma correlação, entre a vida profissional, trabalhadora e árdua de Pedro de Freitas e essa actividade criadora, literária e musical, que perseverantemente empreende ao longo dos anos.

Mas esta actividade não decorre sem sacrifícios, sem horas retiradas ao descanso, sem uma con-

trapartida de estoica determinação e invulgar apego ao acto de legar aos seus contemporâneos o trabalho da sua inteligência e talento.

Menciona depois alguns seus livros, nomeadamente, «Quadros de Loulé Antigo», onde Pedro de Freitas, dá a estampa um mural típico de tradições da sua terra natal.

Convida a que se leia a obra de Pedro de Freitas, a que melhor se conheça os seus atributos de escritor e de retratista, para que melhor se possa aquilatar do seu valor real.

A terminar, solicitou que os presentes tributassem ao homenageado uma calorosa ovação, que prerrompeu, acto contínuo, de toda a assistência que enchia o salão.

Em continuação foi lida uma saudação enviada pelo médico estomatologista, dr. Luís Cabral Adão, que a certo passo acentua:

«Mas já que me é vedado assistir, permita-se-me que dê o meu aval à deliberação, à consagração, à fixação do seu nome numa esquina da terra que lhe deu berço e ele tanto exalta pela sua inteligência e o seu coração».

Pedro de Freitas levou o nome e a fama de Loulé ao Barreiro, onde vive há 67 anos, a Belmonte, a Viseu, a Lourdes, à Índia, a Cartaya, na Andaluzia, a Flandres, à Madeira, aos Açores, a toda a parte por onde a sua palavra fluiu, quer por via da música popular, quer pela sua vocação jornalística, quer no simples convívio, aliciente e consolador.

De seguida J. C. Viegas, o autor desta resenha, proferiu uma breve alocução, dando, na mesma, conhecimento de que Pedro de Freitas, num gesto que lhe é peculiar, ofereceu ao Museu de Loulé (em formação) a colecção completa da sua bibliografia e todas as partituras musicais manuscritas da sua autoria, assim como relíquias e lembranças pessoais, atitude esta que na qualidade de componente do grupo de trabalhos pré-museu, competia, em seu nome, agradecer.

Igualmente, convidou a assistência a contemplar Pedro de Freitas com a vibração do seu aplauso.

Fez uso da palavra, depois, o Dr. José Mendes Bota, que num cintilante improviso, enalteceu a figura de Pedro de Freitas, o seu salutar bairrismo nunca ofuscado, o mérito das suas obras literárias e musicais, onde pontificam um espírito de eleição que toma como tema dominante, nimbado de romantismo, as multimodas facetas da terra onde nasceu.

Ao findar a sua inspirada oração, solicitou dos presentes mais uma salva de palmas, que de pronto irrompeu.

Num longo improviso, onde se vislumbrou por vezes o embargo da emoção sentida, Pedro de Freitas, dirigiu-se aos presentes evocando alguns pontos proeminentes da sua vida de louletanista, musicólogo e de escritor.

Começando por frisar que finalmente chegara a hora de prestar contas a Loulé, Pedro de Freitas, prodigalizou os seus agradecimentos extensivos à Câmara Municipal, à Associação do Grupo de Amigos de Loulé, aos orado-

res, à imprensa, aos amigos e aos contemporâneos.

Depois, enumera factos e datas, numa sucessão lúcida e numa demonstração de que as recordações estão ainda bem vincadas no seu íntimo: o casamento, em 1916; episódios com as filarmónicas em 1917; o hipotético ramal do caminho de ferro, ligando Loulé a S. Brás de Alportel, em 1926; a década de 30, em que foi debatida a fusão das Bandas louletanas; a edição do seu primeiro livro «As Minhas Recordações da Grande Guerra», em 1936; visita do Batalhão de Sapadores do Caminho de Ferro a Loulé, em 1938; viagem a Cartaya, em 1958; viagem à Índia em 1961, onde se deslocou por honroso convite do respectivo governador; homenagem da FNAT, em 1971; Festival das Bandas Cívicas em Faro, em 1973; homenagem da Casa do Algarve, em 1978; alusão aos seus 15 livros, centenas de artigos escritos em 31 jornais e 5 revistas, conferência e defesa de tese em congresso.

Procedeu a certo ponto, Pedro de Freitas, à entrega ao presidente da Câmara de Loulé, sr. Andrade de Sousa, da insígnia da «Torre e Espada», condecoração esta com que fora agraciado pelo seu comportamento na Grande Guerra e do colar de cidadão honorário de Cartaya.

Procedeu depois, também, já na fase final da sua oração, à entrega de ofertas pecuniárias às seguintes agremiações e instituições: Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva, Bombeiros Municipais de Loulé, Rancho Folclórico Infantil, Casa da Primeira Infância de Loulé, Sociedade dos Artistas Louletanos; Louletano Desportos Clube, Conferência de S. Vicente de Paulo, e Assistência à Terceira Idade.

A culminar a sua extensa retrospectiva Pedro de Freitas, comovidamente, citou João de Deus:

— Como o pródigo volta ao lar paterno, Desenganado do que em vão procura

Eu já desfalecido nesta lida De sonhos sobre sonhos de ventura,

Desejava dormir o sono eterno, Abrindo junto ao berço a sepultura!

Fechar em suma o círculo da vida No saudoso ponto de partida!

Uma quente e estrondosa ovação veio, apoteoticamente, como remate exultante, premiar o homenageado.

Cabe aqui intercalar um parêntesis, para assinalar que, no acto da entrega de ofertas, o representante da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva, sr. Santos Gomes, informou que seria atribuído

búido o nome de Pedro de Freitas à sala principal da agremiação. Por seu turno, o comandante do corpo de Bombeiros de Loulé, sr. Leal, retribuiu a generosidade do gesto com a entrega de uma condecoração, dando conta de que dentro em breve a corporação ficaria dotada de uma fanfara a qual adoptaria também o nome de Pedro de Freitas.

A selar a cerimónia, usou da palavra o Governador Civil do Distrito de Faro, Dr. Almeida Carrapato, que de improviso consignou uma primorosa oração, a qual foi interrompida várias vezes pela assistência, que tributou espontâneas ovações.

Após mencionar de que ouvira com o maior enternecimento as palavras de homenagem do sr. Manuel Cabanas, esta entidade oficial, expende diversas considerações umas sobre Loulé, onde na qualidade de magistrado exerceu funções, outras sobre a arte e a sua afinidade com o real e a verdade e o papel do artista, como intermediário e mediano, numa clara alusão à obra acabada de Pedro de Freitas, a quem enalteceu, baseando-se para isso em algumas afirmações do orador incumbido de tecer a apologia do homenageado.

Ocupou-se também, uma vez que Pedro de Freitas na sua dissertação mencionara factos, ligados ao inconformismo ideológico de épocas passadas, a recordar a fermentação no Algarve de ideias políticas que marcaram os primeiros passos dados na direcção do actual regime democrático instaurado em Portugal.

Novamente, retornou à obra de Pedro de Freitas, ao seu acendrado e sadio bairrismo, à sua obra literária e musical, e tributa uma veemente saudação que cala fundo na assistência que de pé, transbordada de satisfação e entusiasmo exteriorizando-se finalmente numa prolongada e retumbante ovação.

Era a consagração de Pedro de Freitas (continua na pág. 10)

## Programa de animação turística no Algarve

Decorreu no último fim de semana na Sede da Comissão Regional de Turismo do Algarve, em Faro, uma reunião entre os dirigentes daquele organismo e o Departamento de Animação da Direcção Geral de Turismo, chefiado pelo Dr. Manuel Barros.

O objectivo desta reunião foi analisar-se várias questões ligadas a uma incentivação da acção já desenvolvida em animação turística e a projectada para o próximo ano, cujo calendário em breve será tornado público, bem como uma visita a locais onde irão decorrer várias manifestações artísticas, recreativas, desportivas, etc.

## AZEDUMES DE INVERNO BATEM-NOS À PORTA

As folhas caducas, ainda que rareantes, resistem ainda às intempéries intolerantes e desabridas de um Inverno que, paulatinamente, se vai impondo.

## Surpreendido pela polícia um grupo de batoteiros

No passado dia 1 do mês corrente, cerca das 22 horas, foi surpreendido numa casa próxima do Bairro Municipal, em flagrante jogo de cartas, um grupo de 7 indivíduos tendo em cima da mesa a importância de 8.640\$00, que se interpelou constituir o «bolo» a disputar pelos circunstantes.

Detidos pela PSP local, foram submetidos a juízo no Tribunal de Loulé, resultando da sentença a aplicação, a um deles, da multa de 5 contos e mais mil escudos de Imposto de Justiça e aos restantes indivíduos a mil escudos de multa cada e o mínimo do Imposto de Justiça.

Dentro em pouco os troncos descarnados das árvores parecerão implorar e suplicar a um céu cinzento, fechado e complacente com os rigores da época.

A Natureza torna-se cúmplice da mutação cíclica das estações.

Inverno, não seria Inverno, se os flagelos que o identificam como tal (o frio, a neve, as chuvas torrenciais, o vento glacial), se não conluíssem numa conspiração tácita, nada bonançosa, contra as amenidades que agora vivem decerto na lembrança dos mais vulneráveis às suas inclemências.

Os dias encurtam e as noites avançam, sórfegas, comendo a maior talhada das horas.

A dança das folhas caídas descrevem volutas caprichosas a que repentina chuvada põe ponto final. Da terra nasceram à terra voltam, adubando-a para nova messe, para uma futura messe, que há-de despontar lá mais para diante, para um verão assinalado nas folhas ainda intactas, do calendário.

J. C. VIEGAS

## ANGOLA EM FOCO

Todos os desempregados nas zonas urbanas de Angola vão ser encaminhados para a produção agrícola. Todos os indivíduos com mais de 18 anos, sem ocupação, deverão apresentar-se no local a indicar pelo ministério da Agricultura, a fim de serem transportados para os centros de produção. Aqueles que não se apresentarem voluntariamente serão enviados compulsivamente para esses centros. Angola começa a dar lições a Portugal...

## «MÚSICA NOVA» SAUDOU «A VOZ DE LOULÉ» NO DIA DO SEU ANIVERSÁRIO

Ao mesmo tempo em que percorria as ruas da vila, executando festivamente marchas alusivas ao 1.º de Dezembro, «Dia da Restauração», a Música Nova, num gesto de cortezia, que nos apraz registar, tocou às portas deste jornal, que, na mesma data, com-

## III Encontro de Jornais Algarvios

(continuação da pág. 1)

tas de alteração, avançar para o dia em que esse «plenário» terá cabimento.

De assinalar, uma vez mais, a meticolosa preparação, que o jornal «O Sporting Olhanense», entendeu submeter, preliminarmente, a organização do III Encontro de Jornais Algarvios, não descuidando qualquer particularidade útil, tendente a proporcionar o maior proveito à jornada em perspectiva.

pletou 26 anos de assistência.

Sensibilizados pelo significado do aceno, aqui deixamos expresso o nosso muito obrigado, que é simultaneamente dirigido à Direcção da prestigiosa Banda Filarmónica Artistas de Minerva, à pessoa do seu maestro, sr. João Gomes, e a todos os seus devotados componentes, continuadores das tradições musicais de Loulé.

xxx

Durante o tradicional encontro de confraternização do 1.º de Dezembro, entre trabalhadores da filial de Faro da conceituada firma Costa Pina & Vilaverde, realizado em Vilamoura, também «A Voz de Loulé» foi felicitada pela passagem do 26.º aniversário, na pessoa do seu director, que esteve presente por amável convite dos promotores da iniciativa.

Registamos o facto pela prova de simpatia que isso representa para com o nosso jornal.



Reserva natural da Ria Formosa:

# UMA DAS MAIORES RIQUEZAS DA EUROPA

(continuação da pág. 1)

mais arquitectónicamente paisagística, que se estão dando sérios passos.

Foi, como já noticiámos, criada a Comissão Instaladora da Reserva Natural da Ria Formosa, a qual é presidida pelo Arq.º Paisagista Fausto Hidalgo do Nascimento, e conta com representantes das autarquias locais, bem como de diversos superintendentes de certas entidades distritais (Guarda Fiscal, Capitania e Portos, etc).

Como era de esperar, a Comissão recém-instalada, já se começou a defrontar com gravíssimos problemas. Um deles, talvez o mais grave, respeita à construção clandestina. Constrói-se clandestinamente quase um pouco por toda a parte. E todas estas urbanizações selvagens vão despejar os seus detritos para a Ria, que aliás já regista índices de poluição de certo modo alarmantes, e a que urge pôr cobro, dentro da medida do possível. Como é sabido, em águas poluídas não há vida. Sem vida animal, vai-se perdendo aos poucos e poucos esta riqueza natural. E, num país pobre como o nosso, carenciado de riquezas e de postos de trabalho, não nos podemos dar ao luxo de esbanjar por desleixo, sem uma palavra de repúdio, um gesto de alerta.

Constrói-se clandestinamente, é um facto, mas a Comissão pretende actuar. Evitar novas construções. Mas escasseiam os meios da repressão. E tudo gira num ciclo vicioso.

Mas nem só a construção clandestina é problema. Também as habitações sociais o são. E são-no, porque, como foi o caso re-

centíssimo da Câmara de Faro, o baixíssimo preço dos terrenos alagadiços (Sapais), convida à sua aquisição para a construção de bairros sociais. E alega-se que são apenas 9 hectares para as moradias da classe trabalhadora. Responde a Comissão de Reserva (e muito bem) que não. E argumenta. Atrás dos 9 hectares de hoje, virão outros 9 amanhã. Estaria aberto o precedente. Por outro lado, essas novas urbanizações dentro do perímetro da Reserva, irão contribuir inevitavelmente para um aumento da poluição da Ria, uma vez que ainda não existe estação de tratamento de esgotos.

Acresce a tudo isto, que o valor económico dos Sapais, é valor demais, mesmo em troca do valor social para a classe trabalhadora. Da riqueza dos Sapais, também vem, e virá, o pão para a boca desses mesmos, certamente muito mais, trabalhadores.

O engenheiro Rui Cachola, explicou-nos todo esse manancial económico. É o abastecimento de peixe no Inverno. A possibilidade de lançar novas espécies, fala-se para já de ostras. A certeza de exportar em grandes quantidades aquilo que hoje importamos. Enquanto outros países têm que ir para uma piscicultura sofisticada, nós temos aqui condições naturais.

Enfim, toda uma polémica entre uma autarquia com interesses específicos, e um organismo com interesses para todos nós. Mas a Comissão da Reserva manteve firme o seu não, e os limites da preservação ecológica vão manter-se. Propõe-se a sugestão de zonas de alternativa para a construção. A

finalizar, ficou-nos nos ouvidos a observação de um representante da Direcção Geral de Turismo: «O Algarve é uma realidade turística imparável até ao momento em que se deixar degradar a natureza e a arquitectura paisagística».

É neste contexto que são de criticar alguns mamarrachos que já povoam o litoral algarvio, e tendem a transformar esta costa pitoresca, numa barreira de cimento armado, à semelhança do que sucedeu por quase toda a costa de Espanha. Desse erro, já hoje se penitenciam as autoridades espanholas, perante a continuidade da procura, por parte dos turistas estrangeiros, do contacto mais íntimo com a natureza, que a parte das nossas praias ainda propiciam, numa cambiante mesclada de sol e de paisagem. Incrementar o Turismo, sim! Mas dentro de todas as premissas existentes, o que só um Planeamento executivo permitirá.

JOSE MANUEL MENDES

## Coro de uma universidade alemã no Algarve

No âmbito da sua deslocação a Portugal, com o apoio do Instituto Alemão, actuará no Algarve, o Coro Misto da Comunidade Católica da Universidade de Tubinga (Alemanha), constituído por 55 elementos.

A actuação, que tem a colaboração da Comissão Regional de Turismo do Algarve, realiza-se no dia 3 ou 4 de Janeiro.

# Crónica de Querença

Esta crónica de Querença tem o título de «o dito e o não feito». É na Rádio e na Televisão que se faz uma crónica que tem o título de «o dito e o não feito». Não obstante aqui em Querença, infelizmente sucede o contrário e por isso a versão da nossa crónica assume o título de «o dito e o não feito».

Entendemos que não há razão para tanto, pois que há já dois anos ao âmbito das eleições de Junta de Freguesia, Querença foi «pemiada» com cinco Presidentes. Talvez por isso, não sei se será exagerada dar a esta crónica o título de «o dito e o não feito».

No entanto há motivos fortes que talvez justifiquem e que eu vou explicar.

O sr. Presidente de Junta já vinha trabalhando na Cimpor e continua. Sai de manhã de casa e chega à noite, e por isso não tem tempo para tratar dos problemas e algum tempo que lhe resta é só para atender o seu negócio de mercearia e café. O sr. Presidente da Casa do Povo, como pedreiro que é, tem que andar a trabalhar aqui e além e administrar a sua casa. Também não tem tempo para ajudar o seu colega.

O sr. Presidente da Comissão de Moradores, este por não se entender com os seus colegas, abandonou o seu posto e foi para a América. O sr. Presidente do Grupo Desportivo e Cultural, este dedicou-se a organizar as festas de bailes e desportos, mas como a Freguesia é pequena e não lhe deu rendimento, alterou os seus projectos e começou a construir um parque para jovens. Como não se entendeu com o seu secretário, abandonaram ambos o serviço. Pensamos que todo o material gasto se perderá.

Vamos ao sr. Presidente da Assembleia de Junta de Freguesia. Este, em dois anos, «já promoveu uma reunião». É por tudo isto que

a Freguesia de Querença merece esta crónica com o título de «o dito e o não feito». Acharmos bem dito. Tudo isto serve principalmente para as entidades competentes que outra vez que haja eleições de Junta de Freguesia, tenham mais cuidado na escolha de homens que tenham uma vida menos ocupada e que aceitem mais responsabilidades pelos seus cargos para poderem ser úteis a uma freguesia que tem estado tão abandonada. Muito obrigado.

UM DEMOCRATA

## VENDE-SE CASA

Com a área de 100 m2, situada na Rua Dr. António José Almeida em Loulé.

Informa o próprio na R. General Humberto Delgado, 8 — LOULÉ.

(2-1)

## LOTE DE TERRENO VENDE-SE

Terreno situado em Vale da Rosa, pertencente aos herdeiros de Manuel Cortes. Nesta redacção se informa.

## VENDE-SE AUTOMÓVEL

Fiat 128, estado novo, c/ 4 portas.

Informa na R. Ribeiro da Graça, 11 — LOULÉ.

## FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

Do lado dos mouros não faltavam também heróis: só o governador valia um exército.

Foi rude e feroz o ataque, heróica e gigantesca a defesa. Descrever aquele e esta não está nas minhas forças. Como bem disse o falecido escritor Pinheiro Chagas «numa batalha da idade média, desde o momento em que os combatentes vieram às mãos, cessou o mister do historiador, e a não ser que ele vá, como o velho Homero, descrever as pugnas individuais cujo conjunto forma o duelo gigante, em que as duas hostes, verdadeiras serpentes de ferro, se estorcem, se revolvem, arquejam... o historiador só tem de se limitar a dizer o resultado final».

Limitar-me-ei também a descrever o resultado final, sem determinar o tempo que durou o cerco. Os historiadores, como em quase todos os assuntos que se prendem com a conquista do Algarve, não concordam na duração do combate. Se uns dizem que durou uma semana, outros afirmam que apenas dias. O cronista, já por mim citado, quase deixa ver, contra a comum opinião e contra todas as tradições, que o combate durou somente horas. Diz ele:

«Depois que El-Rei tomou a villa de faraó logo d'hai a poucos dias partio ho mestre com a sua companha e foyce lançar sobre Loulé e não esteve o cerquo munto sobre elle que loguo o não tomacem».

Ora as palavras **munto** e **loguo** são susceptíveis de várias interpretações, e podem, na verdade significar uma ideia de tempo mais ou menos longo. Por isso interpretá-las-ei aqui **por dias**, que é a interpretação que encontro autorizada pelas tradições locais.

Num dia de madrugada, depois de alguns de cerco, quando os cristãos se aproximaram do castelo, não viram nas ameias nenhum combatente. Foram imediatamente dar parte ao mestre, receosos de alguma armadilha. O Mestre deu todas as providências que o caso exigia e mandou proceder ao arrombamento da porta que abria para nascente. Não havia traição: a vila estava deserta. Nem um velho ou uma criança: tudo desamparara a vila quase completamente devastada e arruinada. Esta solidão que amargurou El-Rei e o Mestre foi causa de se criar na imaginação popular a ideia de que na vila tinha ficado gente encantada. Não sabendo explicar a possibilidade de uma fuga tão rápida e de tanta gente, recorreram ao maravilhoso. Foi sempre assim o povo.

Na tarde desse dia foram os soldados cristãos informados de que na noite anterior o governador do castelo e a sua gente, abrindo a porta **babethacar**, sem que fossem pressentidos pelo exército cristão, tinham por ela saído, encaminhando-se todos para Quarteira, onde já eram esperados por alguns barcos, que os conduziram a Tanger.

Nesse mesmo dia D. Paio Peres Correia entrou no castelo à frente dos seus freires e tomou posse da vila.

Em nome de quem tomou posse?

É para o historiador um caso de difícil resolução atenta a opinião que afirma ter D. Afonso III assistido a esta posse, e a opinião de alguns historiadores que sustentam ter a posse do referido castelo sido entregue três anos depois pelo rei castelhano a D. Afonso III. Parece que D. Paio nesse tempo fazia as suas conquistas em nome do rei castelhano, o que a maior parte dos nossos historiadores fortemente contesta. (2)

No dia seguinte era já público e sabido que as três filhas do governador do castelo não tinham acompanhado seu pai na fuga. Onde tinham ficado escondidas?

Então apareceram várias versões, sobressaindo a todas a que as davam por encantadas numa fonte próxima da vila, num sítio agradável e ameno. Como esta lenda chegou até hoje, através de centenas de anos e de milhares de gerações, vou transcrevê-la, tal como a encontrei nas memórias tradicionais dos louletanos, no seguinte capítulo.

## A MOURA CASSIMA

### III

Era o governador do castelo de Loulé um homem dotado do dom da magia. Depois dos duros combates feridos em frente do castelo, reconheceu que a vila seria brevemente invadida pelos soldados de D. Paio. Na penúltima noite, quando todos descansavam, abriu uma das portas do castelo, e, sem que o pressentissem, saiu acompanhado de suas filhas e encaminhou-se em direcção de uma fonte, a nascente da vila, aberta junto de um viçoso canavial.



# FIM DE ANO



HOTEL APARTAMENTOS  
**Quarteirasol**

Apresenta no seu Restaurante Mourisco

**MARIA VALEJO**

Acompanhada pelo guitarrista **JORGE FONTES**

**ZECA SANTOS**

GRUPO FOLCLÓRICO DE MONCARAPACHO

Conjunto «DELCA SOUNDS»

Privativo do HOTEL

Preços especiais para estadias  
RESERVE JÁ A SUA MESA

Em funcionamento também

«O BEACHCOMBER» — com música gravada  
e a DISCOTECA «O COMBÓIO»

Informações e reservas pelo  
Telefone 65421/2/3 — QUARTEIRA

# Calorosa e vibrante homenagem A PEDRO DE FREITAS

(continuação da pág. 8)  
Freitas; era a exaltação de uma assistência congregada pelo sentimento comum de depurado louletanismo; era o reconhecimento público; era a gratidão que saltava directa, do fundo dos corações.

À tarde, já sob os auspícios da segunda parte do programa, não-oficial, houve, ainda no salão nobre dos Paços do Concelho, transmissão de música gravada das bandas civis do país e de marchas da lavra de Pedro de Freitas, que em determinadas alturas, concedeu suplementares achegas.

A noite, no Hotel Quarteirasol, desenrolou-se um animado jantar de confraternização, que reuniu largas dezenas de conterrâneos e amigos do homenageado, tendo proporcionado momentos de agradável convívio.

O café foi tomado no «Beachcomber», do referido hotel, onde todos os presentes foram surpreendidos pela irrupção do Rancho Infantil de Loulé, que deu largas ao seu repertório de danças tradicionais algarvias, tendo empolgado a assistência que não regateou aplausos.

Sensibilizado pelas provas de apreço, com que fora rodeado, Pedro de Freitas agradeceu, visivelmente emocionado.

Mas não seria tudo, Manuel Cabanas, também quis salientar, à sua maneira, a actuação do Rancho Infantil de Loulé, recordando um episódio que remonta à velha Hêlada e ao orador Péricles. Tendo este ateniense pretendido co-

Rancho Infantil, Luís Pereira, estimado colaborador deste jornal, conhecido já pela sua vocação poética precoce, saltou para o recinto e declamou uma poesia dedicada a Pedro de Freitas.

Foi o delírio. A assistência ovaciona, Pedro de Freitas, estreita num abraço comovido, o nóvel poeta.

Foi assim, num ambiente de



## TÁXIS DE QUARTEIRA

# PORQUÊ PONTO FINAL?

Acredite sr. Viegas, que sinto pena. Não dá si, evidentemente, mas pena dos leitores e muito especialmente da causa Jornalística. O seu ponto final, deixa admitir mais uma vez, que a sua vocação será de escrever de dentro para fora, mantendo-se num conservadorismo pouco descentralizador, muito próprio de quem colhe informações nos gabinetes.

Quem assim proceder, compromete-se, desactualiza-se e fica impossibilitado de saber as carências de um público com quem muito se aprende, onde se podem obter dados para sugerir e aliviar assuntos do maior interesse, que tantas vezes escapam à visão dos responsáveis.

Chama-se a isto, crítica construtiva, um valor indispensável ao Jornalismo Regional, uma habilidade que não só ajuda a resolver certos problemas, como cativa os leitores.

Que afinidade terá isto com os táxis e o ponto final?

Nós explicamos: frequentemente deparamos com 2/3 artigos da autoria do sr. Viegas na «Voz de Loulé» e pensamos que apenas 2 vezes Quarteira se poderá orgulhar de merecer as suas atenções. Aconteceu de novo agora para falar de táxis. Contudo, não sugeriu a concessão de mais aluguéis para esta povoação e nem uma só vez se referiu ao seu evidente crescimento. Também não admitiu que a falta de tal meio de transporte seria uma consequência do extraordinário desenvolvimento de Quarteira.

No entanto, na nossa resposta aceitámos os reparos do sr. Viegas, estranhando apenas que não se referisse a carências, nomeadamente a falta de ligações ao caminho de ferro, por parte da Rodoviária.

Não seria isto abrir outras saídas para outros reparos, no sentido de aclarar necessidades que o público reclama, tal como os táxis? Não! O sr. Viegas em atitude de firmeza promete muito vagamente, e mesmo assim por analogia, e quando oportuno, tratar deste caso. De modo que estas atitudes, podem levar-nos a admitir que enquanto o sr. Viegas não achar oportuno, não há reparos a fazer em Quarteira.

Desmente o sentido de verbo permanecer. Não aceita que a prá-

tica explique o caso de horários, foge ao diálogo, anota a falta de a «Voz de Loulé» ter dado guarda ao nosso artigo/resposta, que servia em primeiro lugar para esclarecer os leitores, como se o direito de resposta não fosse um direito de qualquer cidadão que viva num país livre. Daí a razão porque não aceito o seu ponto final.

Ponto final que, para os maus entendedores pode originar, um não acabar de dúvidas, tal como prepotência, desinteresse, fuga ao diálogo, desconhecimento de causa, capricho, enfado, retraimento, etc.

A não serem estas as razões do seu trancar de portas, naturalmente que teremos de aceitar outras interpretações, com base no tal jornalismo de dentro para fora. É que qualquer cidadão pode começar a admitir que o seu alvitre acerca da falta de táxis em Quarteira se destinava principalmente a colocar os táxis de Loulé em Quarteira, durante a época balnear em praça livre. Daí que não houvesse a tal conveniência em falar do crescimento de Quarteira. Se assim é, estamos em presença de um Louletano bairrista intencional, tendente ao favoritismo a contêrâneos, em detrimento dos interesses de Quarteira.

MANUEL FARIA

NOTA DA REDACÇÃO — Tal como previra, os «táxis de Quarteira», passaram para segundo plano, ou pior ainda, quase se perderam de vista, para dar lugar a ambigüidades do sr. Manuel Faria, que agora, mais declaradamente, através de insinuações e pressupostos seus, pretende visar o signatário.

Estamos, portanto, uma vez mais perante um exemplo típico de «lana caprina», em que a discussão se desvia do assunto prioritário para incidir, escamoteando-se o pauperismo da argumentação, nas invectivas pessoais, falhas de qualquer motivação meritória.

Não opta o signatário por tal estilo (já que o estilo define o homem), mas também não corta cerca as oportunidades de diálogo, quanto mais não seja para esclarecer as acusações gratuitas

que o sr. Faria, sem que para tal se lhe reconheça competência e autoridade, tomou a liberdade de me endereçar.

Logo à partida, sob a epígrafe de «Táxis de Quarteira — Porquê ponto final?», investe em riste e julga, soberanamente, méritos e deméritos jornalísticos alheios...

Como, porém, se poderão cotologar presunções deste quilate, se o signatário na qualidade de redactor, ao tempo em que o sr. Faria foi assíduo colaborador deste jornal, teve de emendar e depurar a sua prosa?

Depois, dedica-se a tecer especulações várias, umas sobre o que o signatário escreveu ou deveria escrever (na sua opinião) sobre Quarteira, outras sobre, designadamente, a fuga ao diálogo, ao uso de um simples «ponto final» (o que me parece ridículo) e o que é mais grave, a um louletanismo bairrista é intencional!

Sobre a primeira questão, o sr. Faria demonstra uma confrangedora ignorância das limitações que constroem a missão da imprensa regional, confundindo estes condicionamentos com as incumbências do signatário, que pelos seus meios próprios não os pode superar. Obviamente.

Segundo, outra ilação errónea advem-lhe de deturpar a aceção de um simples «ponto final» traduzindo-o, muito arbitrariamente, como conclusão, de que o seu uso significa... fuga ao diálogo!

Desta feita como das demais, não tenho de pedir licença para fazer pontuações onde, quando e como achar conveniente.

Todavia, estou em crer que o sr. Faria esbarrou neste simples e inócuo «ponto final», atribuindo-lhe, como é do seu cariz, sentidos que estão a leste da sua intenção.

Terceiro (passando por cima de outros pontos mais), o sr. Faria ousa acusar de «louletanismo bairrista intencional» o signatário, insinuando esta com que encerra, caracteristicamente, a sua diatribe.

Outra vez e mais uma vez, o sr. Faria permite-se recorrer a insolências esvaziadas de contexto plausível, que só encontram explicação na sua prosa, divagadora e inventiva...

Repito: reticências.

J. C. VIEGAS

nhecer o autor de uma encenação grega, foi-lhe dito que o mesmo estava condenado a morrer no dia seguinte. Reacção de Péricles: — «Tal não aconteça, pois enquanto houverem autores destes, jamais Atenas perecerá!»

Mais adiante, aproveitando a pausa entre duas actuações do

grande cordialidade e de júbilo geral, que encerraram as celebrações de homenagem e apreço a Pedro de Freitas, decano e «embaixador louletano», que da sua terra natal fez tema principal das suas obras de escritor e musicólogo.

J. C. Viegas

## Mais um incauto que foi esbulhado

O caso parece constituir uma «fotocópia» de alguns outros sucedidos nestas cercanias e de congêneres casos mais, ocorridos em diversos pontos do País.

Os protagonistas são de resto semelhantes, um endinheirado, algo confiante, e outro ou outros,

parasitas absentistas, que espreitam a ingenuidade alheia, os «amigos da onça», que tentam aproveitar-se abusivamente das ocasiões.

Tal qual, como aqui deixa perceber, aconteceu a José de Sousa, de 60 anos, solteiro, trabalhador rural, que tendo vindo de França, com algumas economias, conviveu numa taberna desta vila com um tal Eduardo, mais conhecido por Dadinho das Barreiras Brancas, petiscando, bebendo e jantando juntos, numa improvisada confraternização, que parecia ter origem numa antiga amizade.

O certo é que o José de Sousa, não conhecia verdadeiramente o Dadinho e o Dadinho por sua vez, teve a oportunidade de se certificar de que o seu companheiro, de momento, era portador de uma elevada maquiagem.

Depois de comarem bem e de talvez terem bebido melhor, saíram ambos do estabelecimento, e ali mesmo, num local não muito distante, na Rua D. Filipa de Vilhena, o Dadinho deixou cair a máscara, derrubou o incauto José de Sousa, tendo-lhe subtraído dos bolsos a quantia de 25 contos, pondo-se de seguida ao fresco.

Atenção pois às companhias e às aparências enganadoras de certos indivíduos. As precauções e a circunspeção devem redobrar quando a carteira pode suscitar, inesperadamente, os apetites dos «amigos» sim, mas do alheio.

## LANÇAMENTO DO CÓDIGO POSTAL

A fim de elucidar os órgãos de comunicação social, está programada para 15 de Dezembro decorrente, às 14.30 horas, no Hotel Eva em Faro, uma conferência a promover pela Circunscrição Postal do Algarve, atinente à codificação que se faz mister usar, dentro em breve, na correspondência.

Complementarmente, ao convite que nos foi dirigido, colhemos a informação de que todos os utentes receberão na devida oportunidade, nos seus domicílios, auto-colantes com a indicação do respectivo código.

Independentemente disso, os C. T. T. distribuirão agendas onde constem todos os códigos do País, para facilitar o lançamento generalizado dos códigos postais.

Podemos desde já adiantar que o código postal de Loulé tem o n.º 8100.